



UM LIVRO NOTAVEL
COMO SE TRIUMPHA NA VIDA

Meios e qualidades que
permitem alcançar
exito e fortuna

Segue os conselhos d'este livro e a tua vida de
mediocre e miseravel se tornará facil, interes-
sante e elevada. Serás um homem superior e
conseguirás a fortuna. Serás querido e res-
peitado

Um volume de 226 paginas
custa apenas 2\$000 réis

Pedidos á Secção Editora do "Jornal do Brasil"

110 — Avenida Rio Branco — 112



BEAUTY MAGAZINE

A BELEZA QUE SEDUZ E ENCANTA



Para Atrahir Facilmente Dinheiro-Saude-Felicidade.

Uzae os Accumuladores Mentaes

Concedem, de um modo pratico e em pouco tempo, dons irrezistiveis para a cura de dores e doencas, desenvolvimento do poder psychico ou magnetico, transmissao do pensamento a distancia, hypnotismo, auto-sugestao; inspirar amor, concordia ou amizade; desfazer influencias nocivas de inveja, odio ou quebranto; preservar de loucura, epilepsia, hysteria ou molestias nervozas; neutralizar os maus presagios; adivinhar; corrigir vicios; favorecer a sorte ou qualquer negocio; produzir, enfim, o bem-estar ou a felicidade em todos os sentidos. O medico, o sacerdote, o lavrador, o militar, o maritimo, o professor, o comerciante, o jurista, o financeiro, o empregado, o operario, e mesmo qualquer senhora, lucrarão extraordinariamente com estes Accumuladores,

Um Accumulador sozinho dá resultado; mas os dois (Ns. 5 e 6), quando estão reunidos em poder de uma mesma pessoa, são muito mais eficazes para qualquer fim. Resultados garantidos por notabilidades. Preço de cada um, 33\$000 rs (dinheiro brasileiro), ou 55 francos. Faz-se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instruções em portuguez. Os pedidos de fóra devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrado a

LAWRENCE & C.
45-Rua da Assembléa-45
RIO DE JANEIRO-BRAZIL



Enviae mil réis de selos dentro de carta, e receberéis um Magazine completo

LEGISLAÇÃO E JURISPRUDENCIA DO BRASIL

Publicação mensal sob a direção do

Dr. Candido Mendes de Almeida
Maio e Junho de 1914

Grosso fasciculo de quasi 400 paginas contendo:
A indicação minuciosa de todos os actos do Poder Legislativo e Executivo Federaes de Maio e Junho de 1914 e a integra dos textos do Decreto que autorisa o Presidente da Republica a contrahir o emprestimo necessario para solver as despesas legalmente ordenadas, o que approva os estados de sitio declarados pelo Poder Executivo, o NOVO REGULAMENTO DA CASA DE DETENÇÃO DA CAPITAL FEDERAL, a REORGANIZAÇÃO DA PROCURADORIA DA REPUBLICA NO DISTRICTO FEDERAL, etc., etc.
O texto de todos os CENTO E CINCO ACCORDAMS DO SUPREMO TRIBUNAL FE-

DERAL, os QUATORZE do TRIBUNAL DE CONTAS e todos os CENTO E SETENTA de todas as CAMARAS DA CORTE DE APPELLAÇÃO publicados em audiencias de Maio e Junho de 1914, com os respectivos votos vencidos e as sentenças confirmadas.

Os Avisos Forenses com a indicação pormenorizada de todos os Tribunaes e Juizes com séde no Districto Federal, nomes, residencias, cartorios, dias de audiencias, etc.

Indices alphabeticos, muito minuciosos e indice geral em 120 paginas, do segundo trimestre de 1914 que constitue o vol. III da "Legislação e Jurisprudencia do Brasil".

Fasciculo avulso de Maio e Junho.....	8\$000
Vol. I (Outubro, Novembro e Dezembro de 1913).....	10\$000
Vol. II (Janeiro, Fevereiro e Março de 1914)	12\$000
Vol. III (Abril, Maio e Junho de 1914).....	13\$000
Assignatura annual	30\$000

No prelo o fasciculo de Junho de 1914

Redacção -- Avenida Rio Branco 112, 1º andar -- Telephone Central 1394

O homem reina e a mulher governa. — *Ponson du Terrail.*

O louvor mais satisfatorio para uma mulher é o mal que se lhe diz das outras. — *Rousseau.*

Mais facilmente se contém uma mulher no seu dever por amor, do que por medo. — *Terencio.*

Para uma mulher, os romances que ella faz são mais diversos do que os que lê. — *T. Gautier.*

Quando uma mulher não pôde manter alta a sua cabeça com dignidade, é forçoso que a baixe com resignação, ou que a mostre com descaramento. — *Soulié.*

A mulher queixa-se, a mulher dóe-se, a mulher adoece quando quer. — ***.

A primeira cousa que faz uma mulher, quando quer que um homem a alcance, é deitar a correr. — *Montaigne.*

A maior riqueza é a saude da alma.

O LOPES

E' quem dá a fortuna mais rapida nas Loterias e offerece maiores vantagens ao publico

Rua Ouvidor, 151 — Rua Quitanda, 79
(canto Ouvidor)

FILIAL: Rua Rosario n. 26 (S. Paulo)



Mande Buscar Este Livro GRATIS Sobre a QUEBRADURA

E TORNE-SE PERFEITO

Não use bistouris, pomadas, arreios, sudatorios, fundas torturantes de molas, mas em seu logar use a maravilhosa invenção da epocha

O Obturador Para Quebradura de Schuiling

Que está curando milhares de pessoas que soffrem d'ella

Ser-lhe-á enviado por 30 dias de experiencia

Se soffre da Quebradura, está em perigo. Se está usando uma funda antiga e mal construida, está em maior perigo ainda. V. S. deseja allivio—deseja curar-se. Emquanto que se está curando deseja alguma coisa com a qual se sinta confortavel. Esta classe de trabalho é feito diariamente pelo Obturador para Quebradura, de Schuiling. Por esta razão é que não tememos dar 30 dias de experiencia.

O meu livro gratis descreve-lhe tudo. Está cheio de experiencias interessantes de pessoas que soffriam da quebradura. Dá muitas verdades e factos que V. S. nunca ouviu ou leu a respeito da Quebradura.

Escreva-me immediatamente pedindo este Livro Gratis, e será o melhor que pôde fazer para assegurar o seu bem estar futuro.

A. H. SCHUILING CO.

P. 34 E. Georgia., St., Indianapolis, Ind., E. U. A.

Elle. — Dize-me, minha querida Josephina; tu choravas se eu morresse?

Ella. — Que pergunta! Já sê ve que sim. Bem sabes, que eu sou facil em chorar, até pelas cousas mais insignificantes.

As mulheres que se dedicam a escrever, fariam melhor em dedicar-se a bordar. — *Addison.*

A mulher não ama; ama-se. — *Bartrina.*

Ha nas mulheres uma perversidade que as impelle a pedirem-nos a nossa opinião, para terem depois o prazer de contradizel-a, embora talvez a sua fosse a mesma se não tivesse sido a nossa. — *Richardson.*

— A minha primeira filha casou com um poeta, a segunda com um pintor, e a terceira com um banqueiro.
— Muito folgo em o saber. E qual dos tres casaes é mais feliz?

— Os dois primeiros, porque vivem á custa do terceiro.

As mulheres julgam todos os homens inferiores a ellas; porém eguaes entre si. — *Manuel del Palacio.*

A mulher domina, quando não a dominam.

TRATAMENTO SCIENTIFICO DO CABELLO
PELO
TONICO
De Mme. Selda Potocka

Cura radicalmente a caspa;
Impede a queda do cabello;
Evita o encanecimento precoce.

Um perfume delicioso
e persistente

A venda no Instituto de Mme. Selda Potocka, na Rua Paisandú 111, e no PARC ROYAL

Succo de Uvas **“Welch”**

Refrigerante e sem alcool

O succo de Uvas de **“Welch”** não é nenhum preparado, não é exactamente um medicamento, mas um tónico natural que os medicos modernos recommendam e empregam de preferencia ás drogas. Nelle encontram-se as tres qualidades essenciaes para uma boa alimentação: é nutritivo, de facil digestão e muito saboroso. O assucar, elemento principal constitutivo da uva, não requer esforço para sêr digerido e entra na circulação sem alteração, prompto para ser assimilado. Assim o Succo de Uvas **“Welch”** é alimento para o sangue, tornando-o rico e vermelho.

Nos mais graves casos de doenças, nas febres, quando todo o alimento é rejeitado pelo estomago, um pouco de Succo de Uvas **“Welch”** com pedaços de gelo é invariavelmente aceito e frequentemente a unica dieta durante dias e semanas, ou até que outro alimento possa ser tolerado.

Na convalescencia, aqulle periodo difficil, tanto para os doentes como para os medicos esta alimentação frugal em forma liquida representa um papel que nenhum outro alimento ou medicamento pôde representar. Provoca o mais caprichoso appetite, alimenta os musculos e nervos e dá a côr rosea da saude á face pallida do doente. Fortifica todo o organismo pelos meios naturaes e não produz reacção alguma. Se estais depauperado por excesso de trabalho physico ou intellectual, bebei o Succo de Uvas de **“Welch”** não ás colheres mas um calice, duas, tres ou mais vezes por dia, tomai menos alimentação ordinaria e dai descanso ao vosso organismo digestivo. Surprehender-vos-ha como é fortificante e que melhoras vos trará. E' uma cura pelo descanso tão simples quanto efficaç.

Quando desejardes succo de uvas insisti em que vos seja dado **“WELCH”** unica marca legitima e verdadeira. Mais de 10 annos no mercado ! Em todos os Cafés, Bars, Restaurants, Pharmacias e Drogarias.



UNICOS AGENTES PARA O BRAZIL :

PAUL J. CHRISTOPH Co.

Rio de Janeiro -- S. Paulo

REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

Anno XV — N° 48 — Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1915

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA — TELEPHONE: 79 CENTRAL

Redacção Administração e Officinas

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 — Rio de Janeiro

DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

CONDICÇÕES DE ASSIGNATURA

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 18\$000 — Estrangeiro :50 francos

AVULSO 400 RÉIS

EDIÇÃO DA SECÇÃO EDITORA DO JORNAL DO BRASIL



A sexta arma francesa

A França, embora ferida e devastada, recomeça a sorrir. A alegria francesa vale por um novo exercito e já um humorista-soldado (pois que os humoristas estão nas trincheiras, como os poetas lyricos e os actores tragicos), lhe chamou a "sexta arma" !

Esta sexta arma francesa não se encontra nos relatorios e nos orçamentos militares; não foi objecto de um curso especial na Escola de Guerra. E entretanto é uma arma irresistivel, que brilha nas paginas da Historia de França com um esplendor que os seculos não obscurecem. Ha quem pretenda que a alegria francesa envelheceu. Mas a alegria é como a gloria, uma cousa que nunca envelhece.

Na realidade, ella não tem vinte seculos, mas mil vezes vinte annos... Eil-a, enfim, mobilisada, a caminho das fronteiras, equipada e armada de sarcasmos e sorrisos até aos dentes. O seu uniforme ? A jaqueta de *Gavroche*, as polainas do tambor d'Arcole, o kepi de qualquer soldado. Pelo facto de só agora, dissipado o primeiro pesadêlo, a alegria entrar em combate, isso não quer diser que desde o primeiro dia não tivesse respondido ao apello da Patria em perigo. Quando, ao estalarem as hostilidades, se estranhava a indecisão do embaixador da Allemanha em abandonar Paris, a alegria francesa explicou:

— E' que em Paris está-se mais seguro que em Berlim !

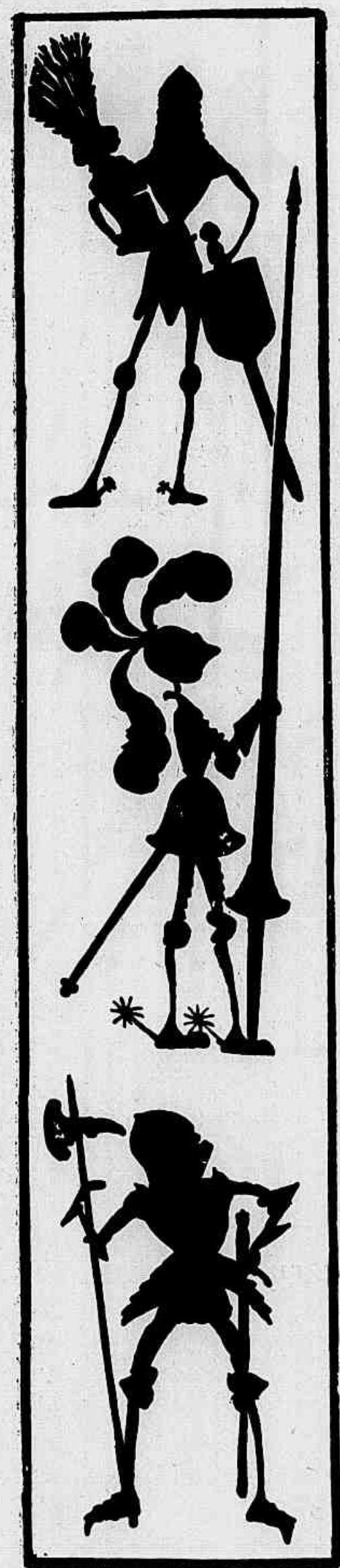
Foi ella que inspirou a um collegial, que á porta do collegio seguia as evoluções ameaçadoras de um Taube, esta phrase deliciosa na sua grosseria, que tanto lembra a apostrophe de Cambronne:

— "Depêche-toi de peter ta crotte: faut que je sois rentré dans un quart d'heure !"

Para que nada lhe faltasse, a alegria creou nos seus arsenaes de ironia e de satyra expressões novas de um alcance maior e de uma explosão mais terrivel — como as granadas de 420. Foi ella, a indomavel alegria gaulesa, genial, inexaurivel e anonyma, que creou, para designar o soldado allemão, esse vocabulo ao mesmo tempo desdenhoso e cômico: o *Boche* ! Nietzsche, o inventor da theoria do "superhomem", foi crismado na Universidade de Paris com o nome de *surboche* !

Todos se recordam do que um soldado da guarnição de Versailles escreveu com giz nas portas dos wagons de um trem militar que seguia para a fronteira: — *Paris-Berlin ! Voyage de plaisir ! Aller et retour !*

Erá no primeiro dia da mobilisação. O trem ainda não chegou ao seu destino. E' muito provavel que nunca lá chegue — mas o distico alegre do anonymo soldado, esse chegará á posteridade. Foi a alegria francesa que o dictou.



O soldado francez de Bouvines a Marignan



O soldado francez de Fontenoy a Ypres



Um Dialogo sobre o jogo num Camarote



Num camarote do Municipal

(Um anno antes da peça de João do Rio)

A bella Madame Vargas — Uma peça sobre o jogo ?

Um dos heroes do "Binoculo" — E uma verdadeira peça, com emoção, com scenas patheticas, com situações dramaticas...

A bella Madame Vargas — Positivamente não é de uma peça sobre o bridge que se trata! O senhor, que passa por ser um homem de espirito, conhece uma maior sensaboria sobre a terra do que o bridge ?

Um dos heroes do "Binoculo" — E' conforme. Mas uma partida de bridge pode ser emocionante...

A bella Madame Vargas — Talvez, mas jogada num porão, em mangas de camisa, com os revolvers em cima da mesa, e não numa sala, de casaca, entre os perfumes das mulheres e das flores. Os senhores estragaram para sempre, com o seu bridge, o encanto de uma reunião elegante. Hoje, uma dona de casa, se quizer vêr concorridas as suas recepções, não precisa mais do que multiplicar as mesas de bridge. O homem moderno é o homem mudo. Em lugar de fallar, joga...

Um dos heroes do "Binoculo" — Não são só os homens que jogam. Se me não engano já vi, por mais de uma vez, Madame Vargas jogar o bridge...

A bella Madame Vargas — Uma senhora que não joga o bridge é peor que uma senhora que não tem um *flirt*: — não é convidada para parte nenhuma.

Um dos heroes do "Binoculo" — Eu insisto em considerar o jogo um nobre é emocionante divertimento.

A bella Madame Vargas — Que admira ? O senhor é um frequentador de clubs: desse clubs cujos habitos os homens nos impuseram como condição para frequentar as nossas casas...

Um dos heroes do "Binoculo" — Peço perdão...

A bella Madame Vargas — E' melhor não pedir. O que eu disse é absolutamente veridico, o que não acontece ao collar de perolas da minha amiga Madame X... Que veem os senhores fazer a nossas casas quando nos dão a honra

de aceitar os nossos convites ? Continuar a partida interrompida no Club. Mas não admira que o senhor faça o elogio do bridge. Todos sabem que o jogo o consolou de muita cousa...

Um dos heroes do "Binoculo" — De tudo excepto das dividas que nelle contrahi.

A bella Madame Vargas — E não tem vergonha de o confessar ?

Um dos heroes do "Binoculo" — Nenhuma. Eu considero o jogo uma occupação mais leal que os negocios!

A bella Madame Vargas — E' porque o senhor não sabe fazer negocios.

Um dos heroes do "Binoculo" — E' talvez por isso, e tambem por outro motivo. Em regra geral, no negocio, para se triumphar, é preciso *tricher*. No commercio isso enriquece. No jogo deshonra.

A bella Madame Vargas — O jogo tem as suas leis de cavallaria ?...

Um dos heroes do "Binoculo" — A sua expressão ironica está prejudicando uma verdade... Mas, justamente, o protagonista da peça do meu amigo é um jogador *qui triche*.

A bella Madame Vargas — E que tenho eu com isso ?

Um dos heroes do "Binoculo" — Tem, como espectadora. O seu applauso é tão necessario, desta vez, ao meu amigo, como a sua presença. A peça é terrivelmente escandalosa...

A bella Madame Vargas — E então ?

Um dos heroes do "Binoculo" — E então só a podem salvar os applausos das mulheres!

A bella Madame Vargas — Se eu me resolvesse a interessar-me pela peça do seu amigo advertil-o-ia de uma cousa importante: — não faça chorar as espectadoras.

Um dos heroes do "Binoculo" — Ah! a mulher elegante não tem mais coração ?

A bella Madame Vargas — Certamente que tem. Mas pinta os olhos.

Um dos heroes do "Binoculo" — Nunca tinha pensado nisso!

A bella Madame Vargas — Pois bem, é uma cousa que nenhum dramaturgo ou amigo de dramaturgo devia ignorar: o papel consideravel que o *rimmel* e a

tinta da China e o *Khol* desempenham na historia da sensibilidade moderna!

Um dos heroes do "Binoculo" — Tomo nota. Posso então contar incondicionalmente com os seus applausos para a peça escandalosa do meu amigo ?

A bella Madame Vargas — Se se tratasse da condemnação do bridge...

Um dos heroes do "Binoculo" — Não é positivamente disso que se trata, mas talvez fosse possivel introduzir no dialogo uma referencia...

A bella Madame Vargas — Ferina!

Um dos heroes do "Binoculo" — Uma phrase...

A bella Madame Vargas — Uma condemnação!

Um dos heroes do "Binoculo" — A's senhoras que são tão severas para com o mais innocente e o mais nobre dos jogos!...

A bella Madame Vargas — Ah! o sr. quer ter espirito? E ousa pedir-me applausos para a peça escandalosa do seu escandaloso amigo?

Um dos heroes do "Binoculo" — Ah! eu não tenho o talento do meu amigo!

A bella Madame Vargas — Se o seu amigo tivesse talento não o incumbia de lhe advogar a peça junto das senhoras! Saiba que todas nós, mesmo as que melhor jogamos o bridge, detestamos o bridge. O bridge foi o pretexto para que os homens se calassem e é quando elles fallam que nós os vencemos mais depressa. O bridge evitou-lhes o trabalho de serem amáveis. O bridge enfim...

Um dos heroes do "Binoculo" — O bridge, minha senhora, moralizou as relações soeias, reduziu a proporções modestas o divertimento perigoso do galanteio...

A bella Madame Vargas (apontando com o leque a porta do camarote) — Não! E' demais! O senhor, como todos os jogadores de bridge, perdeu a noção das conveniencias. Há só quatro damas com quem o senhor se pode dar: a de paus, a de copas, a de espadas, e a de ouros. Quanto á peça do seu amigo, isso é commigo, isso é connosco... Trata-se de jogo? Nós a jogaremos para fóra do cartaz.



Os artistas contemporaneos divinizaram o que os franceses chamam a *petite femme*. Examinem-se os desenhos menos licenciosos, aquelles que uma senhora pode vêr sem sentir o dever de ficar escarlate, os que se contentam em ser espirituosos, com um leve sabôr picante de malicia. As mulheres que elles representam não teem um estado civil bem determinado. Finas e galantes, com um olhar ao mesmo tempo candido e ladino, com um sorriso atrevido, com os cabellos puerilmente enrolados sob um chapéo extravagante, a blusa demasiado aberta, a saia demasiado fendida — mas de onde veem ellas, estas bonecas de J. Carlos? Quem são ellas? Tarefa embaraçosa seria a de classifical-as! Pequenas bonecas encantadoras, mostrando a perna, escondendo a idade, com signaes que não lhes pertencem e attitudes que não lhes são faceis, semi-manequins, semi-elegantes, louvadas na *Cavé*, caricaturadas (e com que genuina graça!) na *Careta*, cortejadas nos cinemas, ellas são, afinal, de tanta cousa, bem pouca cousa.

Fantasiadas até á hora do jantar com os seus vestidos curtos e abertos, com golas largas, e chapéus extravagantes, ellas apparecem no theatro e na sociedade — o nosso *petit bout de monde*, — como artistas de revista. E já nem fallo no *maquillage* côr de malva e côr de violeta, e das perucas coloridas como o prisma. Contemplando estas lindas bonecas assim pintadas por Mme. Graça e assim vestidas por Mme. Strass, um provinciano, procedente de Minas ou do Espirito Santo, ou mesmo dos suburbios da Capital, difficilmente acreditaria que ellas são ou devem ser donzellas virtuosissimas e burguesas modelares.

Devemos confessar: os desenhadores compromettem a mulher moderna, mas não a calumniam. As imagens que elles compõem são veridicas. J. Carlos não nos illude. Basta, para ficarmos convencidos, ir aos theatros — quando ha theatros — e aos bailes dos Clubs

dos Diarios, da Tijuca e da Copacabana, e aos jantares e chás do Assyrio. Basta examinar as *vitrines* dos *photographos* e os maquenins das casas de modas.

A *petite femme* reina e impõe-se. Todas as ovelhas de Panurgio se modelam sobre este typo.

Ora, estas excentricidades podem



ainda desculpar-se nas mulheres moças, e resgatar-se por uma graça expositanea, ao mesmo tempo ingenua e provocante. Mas o espirito de imitação é mais natural no sexo feminino que o espirito critico. Uma pequena garota audaciosa reside, adormecida, na intimidade de cada mulher e qualquer cousa a accorda.

Veem-se então mulheres, que já

dobraram o cabo tormentoso dos trinta e cinco annos, vestirem-se como as suas filhas, fazer-lhes concorrência, alistando-se no exercito das *petites femmes*.

Os homens, não sem razão, principiam a alarmar-se. Bem entendido, esses homens que deste modo se revelam inquietos, são os paes de familia, os maridos e os namorados, e não os *hebetés* da esquina do Ouvidor, os janotas da porta do Castellões e os leõezinhos perfumados que passeiam do lado da sombra na Avenida. Essas modas *despidas*, que a principio os divertiam e que elles não desgostavam mesmo de vêr adoptadas pelas mulheres, pelas filhas e pelas noivas dos outros, parecem-lhes intoleraveis quando applicadas pelas suas esposas e pelas suas filhas. Os homens que se pretendia deslumbrar e fascinar, acabaram por revoltar-se e fazem scenas, gentilmente ou brutalmente, consoante o seu character; e já mesmo ouvi a um namorado diser á sua noiva que preferia vel-a com um ridiculo guarda-pó a encontral-a com a escandalosa *juppe-fendue* e transparente blusa com que a viu na Avenida Rio Branco. Os homens tornam-se pudicos e mesmo pudibundos. Cruel perplexidade! Em breve as mulheres, se isto assim continua, não poderão mais diser que se adornam para agradar aos homens, mas apenas para egualar, ultrapassar, espantar e vexar as outras mulheres.

E' então impossivel conciliar a moda com o pudor, a esthetica com o amor? Será necessario admittir que só as damas devotas, as damas feias e as damas idosas se recusam a adoptar todas as excentricidades da Moda, incluindo aquellas que se destinam ás *horizontaes*? Deverão recusar-se os foros de mulher elegante a toda a mulher que não se resolva a mostrar o joelho e o collo?

Não. Não creio. Uma mulher não é ridicula pela unica razão de que tem



uma delicada noção do pudor feminino.

Não é sempre facil, bem sei, resistir ao contagio do exemplo e ás suggestões de certas amiguinhas que vos persuadem "de que não se desrespeitam as conveniencias, de que todas fazem o mesmo, e que dar na vista é deixar, justamente, de fazer o que as outras fazem, e que alterar o vestido da *demi-mondaine* é prejudicar o chic e profanar o bom gosto... E' ainda mais difficil ficar insensivel á voz das sereias que vos dizem " Quando se é bem feita como você, nada se deve receiar... Uma mulher bonita deve mostrar-se..."

Tudo isto pode estar muito bem, mas as salas e as ruas não são propriamente locaes de concurso para seios e joelhos... Aquillo que uma mulher pode, sem escandalo, mostrar, já é bonito... quando é bonito! Analysae a moda (?) deste verão. De onde lhe provem o seu caracter equivoco, com que se sentem offendidos aquelles que nos amam e respeitam e que só agrada áquelles que nos desejam e nos offendem? Do decote? Mas todas nós o vimos! já tão... generoso

como agora. A abertura lateral das saias? Essa mesma não é chocante quando é moderada. O movimento dos tecidos, moldando as formas? Elle é menos revelador do que os *fourreaux* de esylo egypcio e bysantino, que serviram de base á moda de 1912... Então o que? O que parece excessivo — vou dizel-o — é a transparencia das blusas muito mais do que o decote; é a transparencia lasciva das meias cõr de carne; é o as-

regeitemos no que elle possui de encantador, mas corrijamol-o no que elle tem de offensivo e de attentatorio das conveniencias. O tulle é bonito, mas a musselina de seda não é menos bella e tem a vantagem de não revelar senão um reflexo da vossa carne branca. A abertura da saia descobre o vosso joelho? Reduzi-a de modo que descubra apenas o jarrete... Esse palmo de perna, entrevisto, basta para deixar adivinhar a sua restante perfeição — e a sua indiscreção é mais espirituosa que uma confissão franca, absoluta.

Deixae-vos adivinhar, se isso vos dá praser ou vos lisongeia. Mas não vos reveleis nos segredos mais attrahentes da vossa plastica e do vosso sexo. Aban-



pecto de desabamento imminente dos estoffos, que parecem prestes a cahir ao menor gesto e a deixar-vos em camisa... E', sobretudo, a intenção diabolica de certas *toilettes*, que valorisam e põem em destaque um unico detalhe do corpo feminino, detalhe que attrahe, que fascina a attenção, e ao qual se subordina todo o conjuncto do vestido.

O vestido que a Moda de 1914 lega á mulher de 1915 parece ter sido concebido por um jury composto de Boccacio, de Brantôme, de Casanova, de Crebillon e de Restif de la Bretonne... Não o



donae a pretensão immoral de não parecer uma *senhora* e de procurar confundir-vos com a *petite-femme* que o não é

IRACEMA.



Madame

(*Madame* — chamaremos simplesmente *Madame*, — tem 30 annos bem vividos. E' loira, dum loiro fulvo, olhos azues, alta e elegante. *Madame* é casada com o Sr. Gustavo Monteiro Pandorgas, homem pacato e bom. Adora a esposa, faz-lhe todas as vontades, satisfaz os seus caprichos de mulher romantica, — porque a linda senhora devora Escrich e sonha com espadas e capas, serenatas ao luar, madrigaes e versos lamechas. O sr. Pandorgas não tem força para reagir, e limita-se a ser verdadeiramente — um pandorgas. *Madame* é exigente, rabujenta, incontentavel, e linda).

MADAME (*reclinada mollemente no sofá, no salão do seu palacete. Tem em meio um livro recente. Ao lado, o marido boceja ao ler um fastidioso artigo de jornal. Nove da noite.*) — Então, vamos amanhã ao baile do Club?

PANDORGAS (*contrariado*) — Se quizeses... Mas tenho pouca vontade.

MADAME (*aborrecida, e dardejando u olho de raiva*) — E' isto. Basta eu ter um desejo, para logo ser contrariada. Que horror!

PANDORGAS (*atemorizado*) — Mas...

MADAME — Já sei a musica. Que vens fatigado, que tens trabalhado muito, que não gostas de festas. Pois se eu quizesse ser freira, tinha ido para o convento. Casei-me, mas isto não quer diser que tenha morrido para o mundo.

PANDORGAS (*suspirando*) — Estamos casados ha dois annos, e temos ido a quasi todos os saráus, e espectaculos, e convescotes, e tudo mais.

MADAME (*resolutamente*) — Pois vamos ao baile amanhã. Eu quero estrear o vestido que recebi de Paris, o verde-mar. (*Levantando-se, num gesto brusco* — Que inferno!

PANDORGAS (*baixinho*) — Ora a minha vida!

(Uma hora depois. *Madame* está na alcova, deitada no seu vasto leito. Pensa e reflecte).

MADAME (*monologando*) — Casar-me para isto! Um homem como Gustavo, banal, prosaico, sem idéas, que só lê gasetas, incapaz de faser ou comprehender um verso! Como sou desgraçada! E' trabalhar e dormir, mais nada! E não gosta de se divertir, o parvo! Um baile para elle é uma tortura; um espectáculo, um aborrecimento! (*Vaidosa*) Não sabe apreciar o meu espirito, a minha intelligencia, a minha illustração! O meu ideal não era este. Eu sonhava um homem bonito, com 25 annos, alto, espadaúdo, bigodes fartos, olhos pretos, sabendo faser versos e romances, disendo-me madrigaes. Mas não! (*Com desprezo*) O Gustavo!... Ora, o Gustavo! Um lôrpa.

PANDORGAS (*entrando na alcova, mansamente, voz adocicada e intenções deliciosas* — Queridinha?...)

MADAME (*desesperada*) — Nem queridinha, nem nada! Não me aborreça. Vá dormir.

PANDORGAS (*regressando, desolado*) — Bem, não te zangues. Eu já vou.

(Na noite seguinte, de volta do baile, 2 da madrugada. *Madame* váe-se despindo, radiante e feliz. O seu vestido côr de

mar fez um "sucesso". As suas amigas Rosa e Lili ficaram com uma inveja louca. Encontraram defeitos e senões á uffa! *Madame* divertiu-se, e o marido aborreceu-se e contrariou-se fartamente).

PANDORGAS (*zangado*) — Mas é o cumulo! Como é que a senhora dança quatro vezes com o Bermudes?!

MADAME — E' um poeta distincto.

PANDORGAS (*furioso*) — Poeta!... Distincto!... Um peralvilho é o que elle é. Anda entupindo as ruas da cidade dia e noite e a fabricar uns versos muito piegas, muito tôlos, e verdadeiramente ridiculos. E a senhora, que é uma mulher casada, dança com esse janota de flôr ao peito e cabelleira ensebada, não sei quantas vezes!

MADAME — ...quatro. E o senhor não entende disto. O Bermudes tem muito talento, tem inspiração e é um grande poeta. São coisas emfim, que escapam á sua intelligencia. Dar-se-ha o caso que dê agora para ter ciumes? Ora veja lá? (*nervosa e atrevidamente*) — Não consinto, heim! Não lhe dou essa liberdade.

PANDORGAS (*conciliador*) — Bom, acabou-se. Mas não é direito.

MADAME — Tôlo! Vá dormir.

(Quatro meses depois, *Madame* está viuva. Pandorga — Gustavo Monteiro Pandorgas, — num gesto heroico, e numa resolução inabalavel, resolveu morrer duma... indigestão. A linda viuva sente-se bem: o vestido preto, de lutofe chado, diz maravilhosamente com a sua carne branca e os seus cabellos de oiro. *Madame* conversa com uma amida, confidencialmente).

A AMIGA — Ainda muito triste?

MADAME — ...ainda? Nunca, minha

bôa amiga. Estamos sós, e tenho confiança inteira em ti. Arranco a máscara, — esta máscara odiosa que a sociedade me impõe. Se tudo no mundo é convenção... Não era feliz, e agora, liberta dum marido retrogrado, ainda tenho que fingir um pesar que não senti! E' a vida, dizem que é vida.

A AMIGA — Mas Gustavo não te tratava bem?

MADAME (*sincera*) — Devo confessar-te que nunca me contrariou. Fasia-me todas as vontades, satisfasia-me os caprichos mais absurdos. Vestidos, chapéus, joias, — tudo. Levava-me, aborrecido embora, aos bailes, aos espectáculos, ás festas. E foi previdente, pois ainda me deixou um seguro de vida de cem contos de reis. Mas, por outro lado, quanto desgosto! Era um homem pratico, encurralado em principios estreitos, monotono, fatigante. Não lia, não escrevia, — só as gasetas do dia e os livros do escriptorio. Não fasia versos. Emfim, excessivamente material, minha bôa amiga. E eu, com a educação superior que me deram, vivia neurasthenica, ao lado de semelhante abôrto. Era um nullo, um mediocre, sem intelligencia e sem espirito. E vestia-se mal, — chapéo de palha e *paletot* de alpaca. E as calças? Lembras-te?

Pardas, de brim pardo. E isto enfesava-me, e por fim, digo-te com franquesa, — odiava-o!

A AMIGA — Pobre Gustavo! Era uma bôa alma.

MADAME — ...“uma boa alma” é pouco para mim. Sou exigente: quero phisico e moral. Não é agradável ter ao lado como companheiro eterno, — um bruto. Prefiro um homem de espirito, um intellectual. E depois Gustavo estava ciumento...

A AMIGA — Ciumento? De quem?

MADAME (*confidencial*) — Do Bermudes. Só tinha ciumes d'elle, — um ciume de féra. E sabes o que me pediu antes de morrer? Que não casasse, que não fosse nunca, nunca, do Bermudes!

A AMIGA — E tu?

MADAME (*negligentemente*) — Nessas occasiões se promette tudo... Mas não sei. O Bermudes é um homem tão sympathico e tão superior...

(.....)

Anno e meio depois. Madame é agora Madame Bermudes. Casou-se por amor, fanatica do “homem extraordinario”. Elle

era tão insinuante, fasia uns versos tão sinceros e lindos! Tinha talento, illustração e bellesa, que não tinha o misero Pandorgas. O sonho de Madame estava realizado. Emfim!

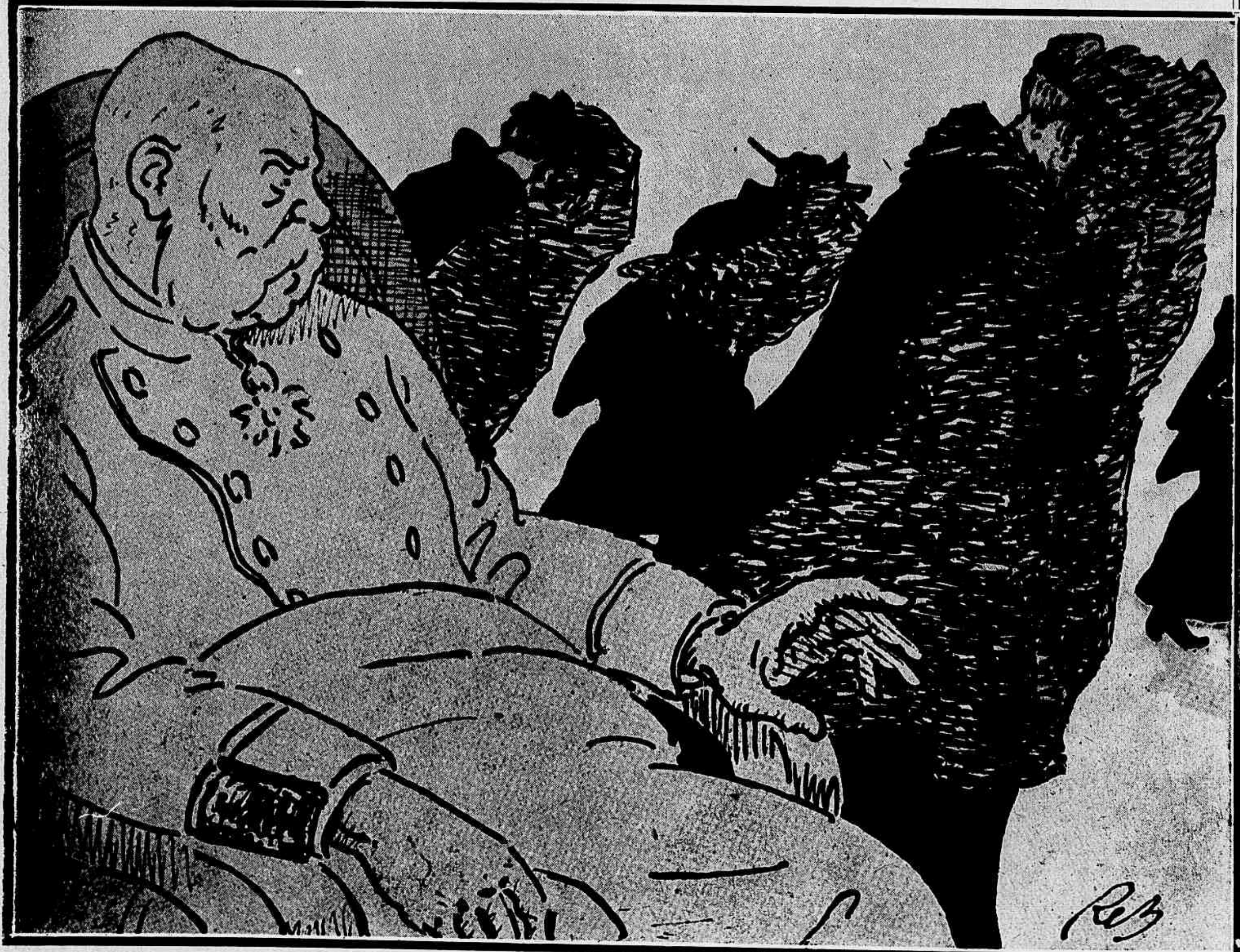
... Mas Bermudes, depois, tratava mal, pessimamente, a encantadora e romantica Madame. Já desbaratados os cem contos deixados pelo simplorio do Pandorgas, e agora, arruinado, sem emprego, vagabundo, quasi dia e noite na rua, a beber, a beber, — maltratava ainda a sonhadora e deliciosa madame! Esta via que “o seu poeta” tinha falhado, falhado em tudo, e chorava, e lastimava-se. Ah! os seus lindos olhos de velludo cheios de lagrimas!...

A AMIGA — E então?

MADAME (*olhos voltados para o ceu azul*) — Ah! Que saudades do meu primeiro marido! Como era bom o meu adorado Gustavo! Elle era tão nobre, tão digno, tão superior!... — Um santo, minha amiga, um santo!

RAUL DE AZEVEDO.

NO PAIZ DA “VIUVA ALEGRE”





Mlle. Estella Brandão

Quando eu ainda era jovem — isto é quando tinha illusões — costumava enfeitar de rosas vermelhas o meu quarto. Todas as manhãs eu descia ao jardim e escolhia as mais lindas, as mais perfumadas rosas vermelhas. Depois, jovialmente, espalhava-as pelos jarros, em ramalhetes odorantes; ao pé dos meus retratos queridos; pelo leito, soltas; pelo chão, em pétalas esparsas. E, todas as tardes, com os ultimos beijos do sol, eu saudava, apaixonadamente, a roseira gloriosa que me offertava rosas tão lindas, de tão rico aroma. Eu era feliz.

A roseira era sensível ao meu affecto. Estremecia toda numa palpação de folhas e de perfume quando me acercava della. Muitas vezes, os seus ramos curvavam-se docemente acariciando-me a cabeça juvenil. E sempre, antes de me afastar, cahia-me sobre a cabeça, glorificando-me, um turbilhão de pétalas cheirosas. Eu amava aquella roseira harmoniosa, dona do meu jardim.

N'uma manhã de sol macio, depois de colher o meu ramallete, voltei ao meu quarto serenamente. Pousei-o em cima da mesa, antes de distribuil-o por todo o aposento. E, com mão descuidada, tentei mudar as outras flores, já fenecidas. Eram rosas da vespera, que tinham sido bellas e perfumadas e que foram amadas por mim, sinceramente, durante toda uma manhã. Depois, tinham emmurchecido e eu ia esquecel-as.

Approximei-me do ramallete para jogal-o fóra. Mas recuei. Do seio das flores partia um murmurio vago como a crepitação de um beijo longinquo,

como o zumbir de uma abelha; como um susurro, um gemido de recriminação e de saudade. Recuei confuso e surpreso. Olhei em torno. No quarto e no jardim o silencio era completo. Só o perfume das rosas errava, subtilmente, no ar azul. Apurei o ouvido, attentei no susurro. E os meus olhos viram, deslumbrados, e os meus ouvidos ouviram, cheios de espanto, o prodigio incomparavel. Uma das rosas falava.

Ella dizia assim: "Como és voluvel homem mau que me colheste e gosaste o meu perfume! Nos teus olhos não paira a sombra de uma saudade, nem sentes uma vaga melancolia pela minha partida... Com que tranquillidade vaes esquecer-me!... E, no entanto, eu fui bella, fui macia e perfumada. Os teus olhos gosaram a minha belleza e o teu olfacto a delicia do meu perfume. Eu te dei momentos de verdadeira felicidade sem nada exigir. Quando me colheste tive a illusão de que nunca mais esquecerias o meu aroma e a minha côr... Ah!... illusão!... Atraz de uma rosa outra rosa surge, como um amor atraz de outro amor. Os homens só amam os seres e as coisas pelos gosos que elles lhes proporcionam. Ainda em botão, quando te via colher as outras rosas, minhas irmãs, eu pensava: — "elle as esquece porque ellas não são bellas como eu hei de ser. O meu perfume ha de ser tão grande, tão forte, tão intenso; o brilho das minhas pétalas tão radioso e tão macio que nunca mais, depois de mim, elle encontrará prazer noutra rosa vermelha. Eu passarei. Mas ficará, na alma delle, a recordação da minha côr e do meu perfume. Viverei na saudade do seu coração. E todas as vezes que elle vir outra rosa o seu primeiro pensamento será para mim que fui a mais bella de todas as rosas. Eu serei feliz porque serei a ama-

da atravez do tempo, pela recordação e pela saudade..."

Ah! que tristezas! Como são horribéis as illusões! Enganei-me. Ainda hontem, quando beijaste as minhas pétalas, a minha felicidade foi tão grande que quasi me desfolho em tuas mãos. Não reparaste na minha ventura. Puzeste-me neste jarro e, á proporção que o dia ia passando e as minhas pétalas iam perdendo o brilho, foste-te esquecendo de mim, affastando-te, abandonando-me impiedosamente. Fizeste mal. Nunca devemos esquecer a quem já quizemos bem. Eu rosa fragil, de curta vida, fui capaz de te amar durante oito dias!... E tu?... O teu amor durou horas como o teu desejo. Depois, foi a saciedade, o abandono, o esquecimento. Não te recrimino nem te odeio. Tu serás sempre assim — caçador de rosas, conquistador de pétalas macias — incapaz de amar, incapaz de ser constante. Consola-me, contudo, a certeza de que outras rosas passarão como eu passei, terão as desillusões que me mataram, serão esquecidas como eu fui, soffrerão as tristezas que eu soffri. Tu permanecerás. Mas não esqueças nunca que as rosas têm espinhos. Eu não te feri quando me colheste porque te desejava. Mas, talvez, uma outra rosa estranha, que não conheças ainda, voluvel como tu, queira gosar a tua dor, e sentir a volupia de penetrar a tua carne e conhecer a temperatura do teu sangue. Não esqueças nunca: as rosas têm espinhos".

A rosa calára-se. E, no silencio do quarto, o silencio que me envolveu pareceu maior e ainda mais triste.

.....

Desde este dia nunca mais flori de rosas o meu quarto. E quando ponho á lepella uma rosa vermelha tenho o cuidado de mandar outra pessoa tirar-lhe os espinhos... Seria tão desagradavel que eu me ferisse agora...

PAULO DE GARDENIA

Noticiário Elegante

Mme. C. B.

Mme. Coelho Barreto, pela distinção de suas maneiras, pelo seu trato fino e requintado e, sobretudo, pelo sua grande bondade, é uma das senhoras mais illustres da fina sociedade carioca.



Amável, de uma amabilidade instintiva, espontânea, que seduz pela superioridade e pela discrição, mme. Coelho Barreto possui, entre as senhoras, o precioso dom de saber escolher as suas *toilettes* com inteligência e elegância.

Muito espirituosa, a sua palestra é viva, levemente mordaz, sabendo comentar com ironia subtil o que vê e observa. Com uma extraordinária capacidade de agradar, o seu nome, na comissão organizadora de qualquer festa, é o penhor seguro do successo e do brilhantismo da mesma. Assim tem sido sempre. Nos salões, nunca está só porque a sua palestra é sempre bem desejada, e ouvida. É elegante e distincta. Mas a sua qualidade essencial é a bondade — uma bondade leve, subtil, espontânea, que está sempre ao serviço dos que soffrem e dos que a procuram.

A noite de 31, ultima do anno que findou, foi delirantemente festejada pela população carioca. Na Avenida Rio Branco a multidão era incalculável. O confetti, a serpentina, o lança-perfume triumpharam gloriosamente, no batalhar constante e vivo.

Por um momento foram esquecidas as dores passageiras, os desgostos, as mil pequeninas contrariedades da vida. Na Avenida Rio Branco erguiam-se os coretos das bandas de musica e os pavilhões da *Gazeta de Noticias* e d'A Noite.

No pavilhão da *Gazeta* vimos rapidamente as seguintes senhoras e senhoritas: mmes. Coelho Barreto, muito elegante de branco; mme. Gaby Coelho Netto, com um gracioso chapéu de linho, branco, como o vestido; mme. Paranhos de Macedo; mme. Didimo da Veiga; mme. Nabuco de Castro; mme. Chiabotto Duque Estrada; mme. Bittencourt; mme. Boetcher; mme. Bude;

mme. Yedda Chiabotto e mme. Zeze Bittencourt.

Amanhã, domingo, haverá outra batalha de confetti na Aveniada Rio Branco.

Realisou-se no dia 4 do corrente, das tres ás seis horas da tarde, a primeira recepção protocollar, offerecida pelo embaixador e embaixatriz de Portugal no palacio do Cosme Velho. A elle compareceram o corpo diplomatico, o ministerio, representantes dos poderes, alto functionalismo, officiaes de terra e mar e as mais distinctas senhoras do set carioca.

Entre as pessoas presentes vimos: senador Urbano dos Santos, vice-presidente da Republica; general Pinheiro Machado, vice-presidente do Senado; dr. Lauro Muller, ministro do exterior, dr. Helio Lobo, secretario da presidencia; dr. Guerra Duval, introductor diplomatico; dr. Herminio do Espirito Santo, presidente do Supremo Tribunal; senador Mendes de Almeida, presidente da comissão de Diplomacia do Senado; mme. Machado Guimarães, mmes. Machado Guimarães, mme. Alberto de Oliveira, consuleza de Portugal, mme. Julio Barbosa, mme. Delcoigne, mme. Ristaro Hata, mme. Baldomero Gayan, mri Edwin Morgen, embaixador americano; dr. Lucas Ayarragaray, ministro argentino; dr. Alfredo Irrazabal Zanartu, ministro chileno; mr. Pierre Maximow, ministro da Russia; dr. Herman Vilarde, ministro do Peru; dr. Acevedo Diaz, ministro do Uruguay; mr. Franz Kolossa, ministro da Austria-Hungria; mr. Etienne Lanel, ministro da França; commendador Luigi Mercatelli, ministro da Italia; dr. Galvão Bueno Filho, do Itamaraty.

Acham-se veranizado em Petropolis o sr. ministro Tanco e senhora; o sr. Graça Aranha e senhora; mme. Araujo; familia Barros Moreira; dr. Queiroz e senhora; dr. Tobias Monteiro; dr. Afranio Peixoto e senhora; familia Salvador Santos; dr. Roberto Gomes e sua exma. progenitora; conde de Affonso Celso e familia e capitão-tenente William Shaw.

O verão chegou. Em Paris, na Europa, o verão é a epoca deliciosa das villégiaturas nas praias *chics*, nas cidades thermaes, no repouso das montanhas. Trouville, Vichy, Biarritz, toda a Côte d'Azur, a Côte d'Argent povoam-se de uma multidão brilhante, numerosa, aprimorada, elegantissima... Todos fo-

gem ao verão nas cidades. Todos procuram a montanha rejuvenescedora.

Este anno, com certeza, nada disto acontecerá. A guerra supprimiu os elegantes, transformando-os em soldados e as bellezas femininas em enfermeiras da Cruz Vermelha.

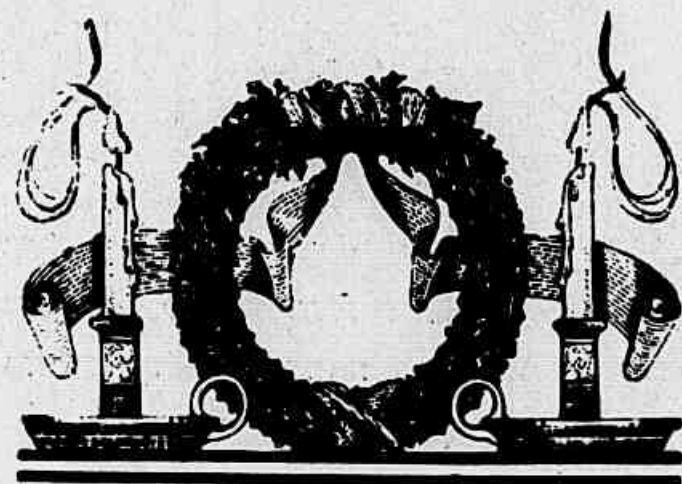
No Rio ha Petropolis, Therezopolis e as cidades mineiras de aguas. Fazem muito bem os que abandonam o Rio, nos tempos veranis. Mas é preciso observar, fno campo, os mesmos preceitos de elegancia da vida citadina.

A *toilette* dos cavalheiros devem ser os costumes de flanela branca ingleza, os sapatos brancos de lona, os ternos de cazemira cinzenta clara e leve, chapéu de palha ou panamá A' noite, nos *restaurants*, ao jantar, o *smoking*.

Para as senhoras tambem as *toilettes* leve e claras: — os vestidos de linho branco, de fustão, de cambraia. As diversões devem ser os jogos elegantes: o *tennis* o *cricket*; á noite os concertos e as conferencias.

O ultimo sabbado foi de um extraordinario movimento na Avenida Rio Branco. A tarde eseteve deliciosa. E a grande arteria, desde o Theatro Municipal até a rua do Ouvidor encheu-se, de lindas e elegantes senhoras e senhoritas.

Vimos na avenida entre outras pessoas, mme. Ruy Barbosa Airosa, mme. Ruy Barbosa, mme. Silva Araujo, mme. Oscar Lopes, mme. Regina Moura, mme. Sylvia Sampaio, mmes. Mariz e Barros, mme. Wanda Tatiana, mme. Gaby Coelho Netto, mme. Bittencourt, mme. Guiomar Carneiro da Rocha, mme. e mme. Laborieau, mme. Cecilia Roxo, dr. Roberto Gomes, dr. Rodrigo Octavio Filho, Olavo Bilac, dr. Alvaro de Tefé, dr. Humberto Gotuzzo, dr. Alcebiades Galvão Bueno, Alberto de Oliveira, poeta Walfredo Martins e dr. Dario de Barros.





A Europa devastada pela guerra



AXIMILIANO
Harden, | o
jornalista al-

lemão celebre pelas suas audacias e pela originalidade dos seus escriptos, escreveu no *Zukunft* um artigo que, pela sua viril franquesa, concorre para esclarecer a complexissima questão das causas e das responsabilidades da guerra actual, que devasta o velho mundo :

“Renunciemos — escreve o masculino pensador allemão — a quaesquer esforços para desculpar a acção da Alemanha, e a injuriar os nossos inimigos. Não foi contra a vontade do povo allemão que o imperio se arremessou a esta aventura gigantesca. Nem sequer ella nos foi imposta de surpresa. Quize-mol-a! Tinhamos o dever de querel-a! Não comparemos diante do tribunal da Europa. Não reconhecemos semelhante jurisdição.

“A nossa força criará na Europa uma nova lei. E' a Allemanha que aggride. Quando ella tiver conquistado novos dominios para a expansão do seu genio, então os sacerdotes de todas as Di-

A GALANTARIA FRANCESA

O presente de annos do exercito da França á Rainha da Belgica.



A Imperatriz da Russia, com o uniforme de coronel de lanceiros

vindades exaltarão a guerra abençoada. Estamos apenas no início de uma luta de que ninguém pode prever a marcha nem a duração, e na qual, até ao presente, os nossos adversários não puderam ser aniquilados.

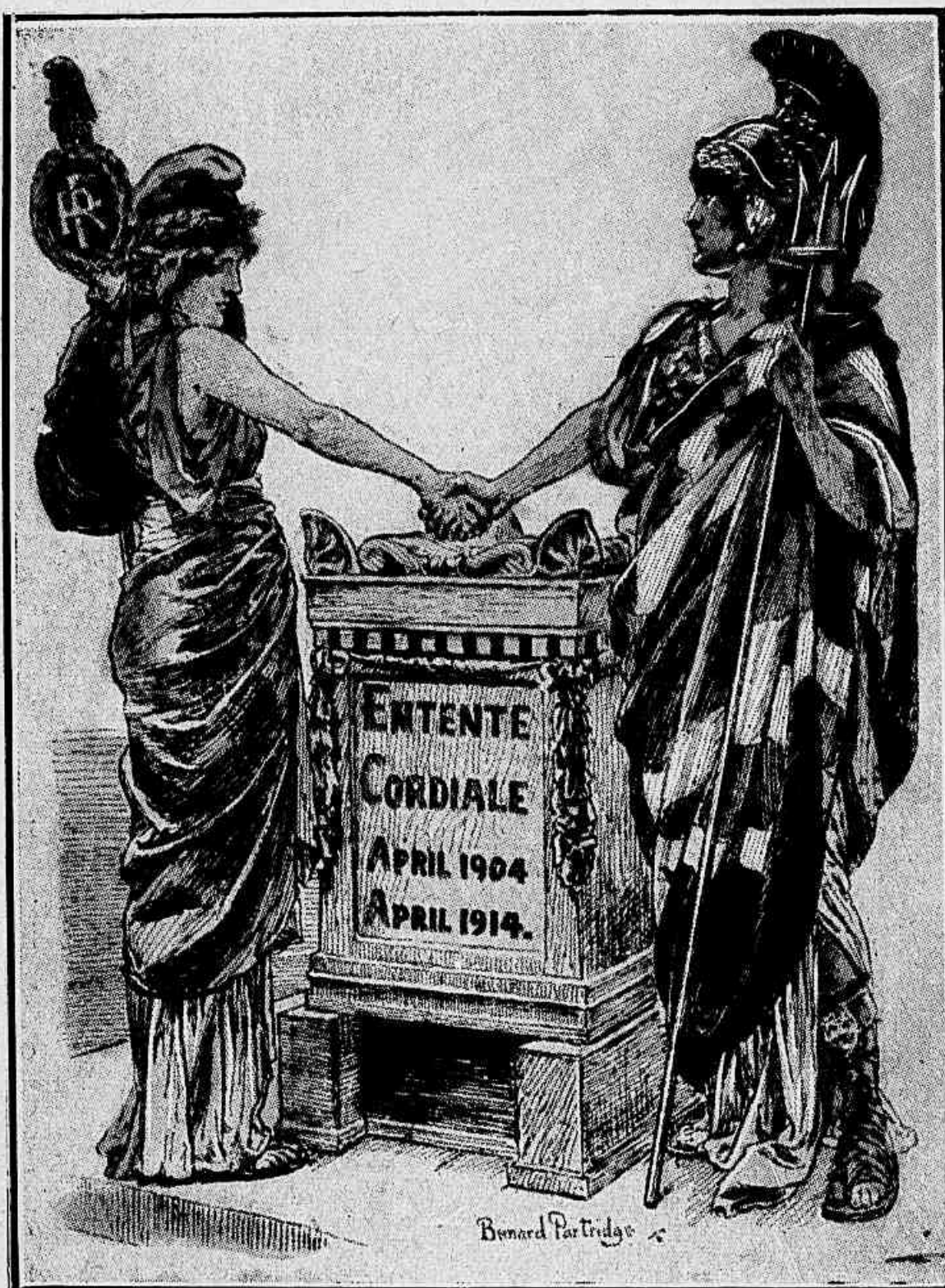
Allemanha quer não são as províncias francesas, polacas ou lithuanicas, e não são também indemnisações pecuniarias. O seu desígnio é de izar o signal de tempestade nas margens do estreito canal que representa para nós a



A Gran-Duquesa Olga com o uniforme de coronel de hussares

“A Allemanha não faz esta guerra para punir culpados ou para libertar povos oprimidos e repousar em seguida na consciencia da sua magnanimidade desinteressada. Fal-a pela convicção imutavel de que as suas obras lhe dão direito a occupar um maior espaço no mundo e a dispôr de mais vasto campo de acção para a sua actividade.

“A Hespanha, a Hollanda, a França e a Inglaterra apoderaram-se de grandes territorios, entre os mais fer-teis do mundo. Chegou a nossa vez, pois que



A Entente Cordiale — Composição do “Punch”

porta do Atlantico!”

Chegado a esta altura do seu manifesto — redigido no momento em que o Estado Maior allemão determinara como objectivo supremo dos exercitos da ala direita de oeste a conquista do Pas de Calais, — o jornalista allemão antevê a proximidade do triumpho, considera já Dunkerque e Calais sob a guarda do pavilhão teutonico, e põe na bocca allemã estas palavras épicas e arrogantes, endereçadas ao inimigo:

— “Estaes vendo agora o que podem realisar o poderio e o ge-

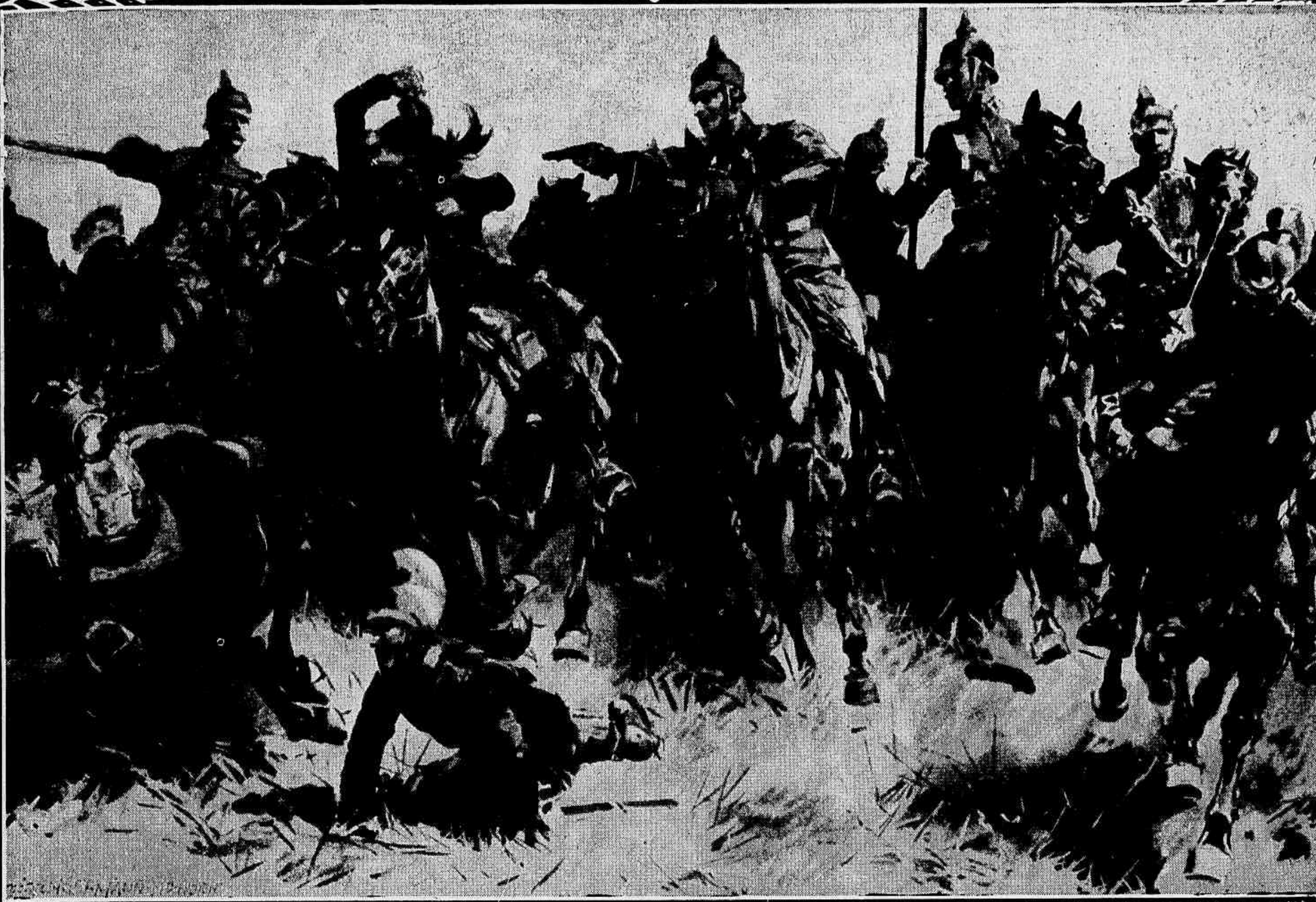
A Gran-Duquesa Tatiana com o uniforme de coronel de uhlanos

ameaçam isolar-nos, de obter pela força a parte a que nos consideramos com direito. Qual o territorio que a Allemanha poderia arrebatâr á França e a Russia em condições de representar em beneficio para o povo allemão? O que a

nie da Allemanha! Para o futuro, reflectireis duas vezes antes de atacarnos! Mas nada exige de vós a Allemanha, nem mesmo o reembolso da suas despesas de guerra. Ella se considera sufficiente-mente retribuida pelo terror geral

A Gran-Duquesa Maria com o uniforme de coronel dos granadeiros





O Principe Henrique da Baviera commandando uma carga de cavallaria

O Principe Eitel Fritz, 2º filho do Imperador d'Al-
lemanha, condecorado com a Cruz de Ferro, e cuja proe-
sa, a que allude a gravura, é hoje popular na Allema-
nha. O Principe, vendo um regimento recuar sob o fogo
do inimigo, apoderou-se de um tambor e arrastou os
soldados, batendo a carga!

O Kaiser, tal como o imagina o desenhador fran-
cez Sabbatier, segundo a descripção de um jornalista
americano, a quem o Imperador consentiu que vi-
sitasse o quartel-general do exercito allemão, in-
stallado numa pequena cidade francesa da fron-
teira.



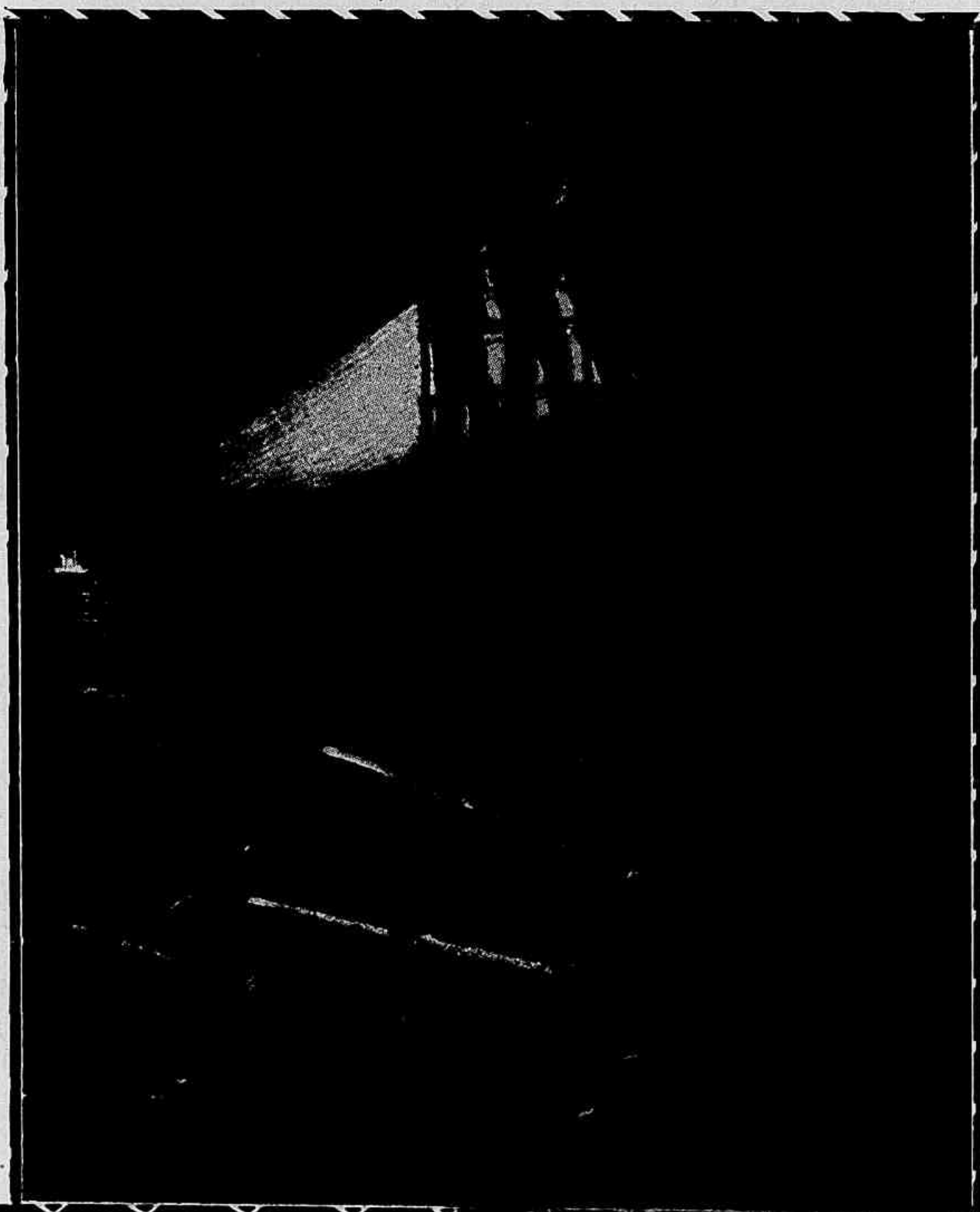
que as suas victorias inspiraram. Se outra cousa quizerdes de nós, estae certos de que sempre nos



O combate naval do Coronel, nas costas chilenas, em que a esquadra allemã do Pacifico (posteriormente destruida na batalha das ilhas Malvinas), poz a pique os crusadores ingleses "Moumouth" e "Good Hope"

A' procura do inimigo na escuridão da noite e nas solidões do mar

acharemos dispostos a levantar a luva! Ficaremos na Belgica e a essa nossa conquista ajuntaremos a estreita fita de terra que prolonga até Calais o littoral da nova provincia do Imperio. Isto concluido, voluntariamente daremos tambem por concluida a guerra, da qual nada temos a esperar, satisfeitos em havermos vingado a nossa honra! Regressaremos ás



alegrias do trabalho e não volveremos a desembainhar a espada senão no dia em que tentardes arrancar-nos o que ganhamos com o nosso sangue. Não pedimos um conclusão de paz formal, nem pergaminhos, nem sellos de Estado. Libertaremos espontaneamente os nossos prisioneiros. Quanto a vós podeis conservar as vossas fortalezas, se ainda acreditaes no seu valor e se pensaes que val-



A MAIS GLORIOSA VICTORIA DA MARINHA ALLEMÃ

Numa pequena povoação de pescadores do littoral belga, os marinheiros allemães fizeram a conquista da população pela sua attitude carinhosa, a ponto de manterem as relações mais cordeas com os habitantes e captarem a confiança das creanças.

le a pena reconstruil-as para alvo de nossos canhões irresistíveis..."

Esta era a voz allemã no momento em que, depois da conquista portentosa de Antuerpia, o orgulho germanico pensava poder levar de escantilhão, na ponta das baiyonetas prussianas, bavaras e saxonicas, a ala esquerda dos alliados, dilatando até Calais e Boulogne a area de occupação militar. Houve um instante em que nós mesmos, nestas imparciaes columnas, acompanhando de longe o desenrolar dos acontecimentos, admittimos como provavel a victoria das armas allemãs na execução do plano de

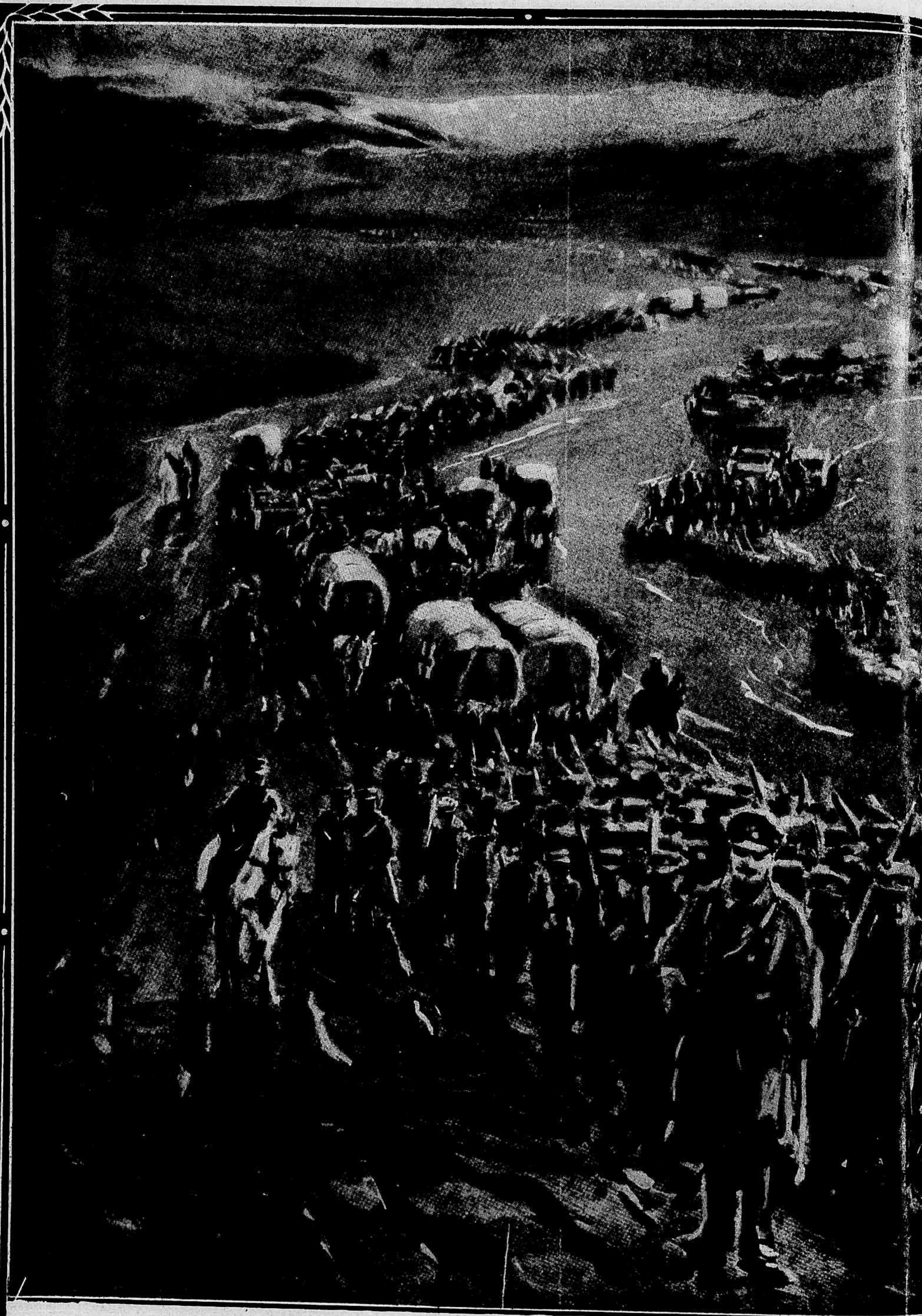
conquista do littoral francez. Mas esse grandioso plano, que Maximiliano Harden nos revela ter sido

AS OPERAÇÕES DE GUERRA NOS VOSGES

Um destacamento francez avançando pelo leito de um regato para surpreender o inimigo



a alma do sonho militar allemão, o obiectivo supremo dos exercitos germanicos, desmoronou-se. A Allemanha, ambicionando substituir-se á Inglaterra ou hobrear com ella, procurava seguir-lhe os exemplos, fundando em Calais o Gibraltar allemão. Tal como aconteceu com a Hespanha — que não se deixa exceder pela França em patriotismo e em dignidade, — a Republica Francesa, se os seus exercitos houvessem perdido a partida temerosa, haveria de resignar-se a sentir no seio as dôres do kisto teutonico de Calais.



Ao mesmo tempo que os alemães, transpondo o Vistula, ameaçavam pela segunda vez Varsovia, o exercito russo, empenhado na campanha da Austria, e que já conquistára quasi todo o territorio da Gallicia, iniciava o cerco de Cracovia e aventurava-se nos desfiladeiros dos Karpathos, ameaçando a Hungria. Detidos por um momento na audaciosa investida, os russos derivaram para a Bukovina, nas fronteiras da Rumania, occuparam

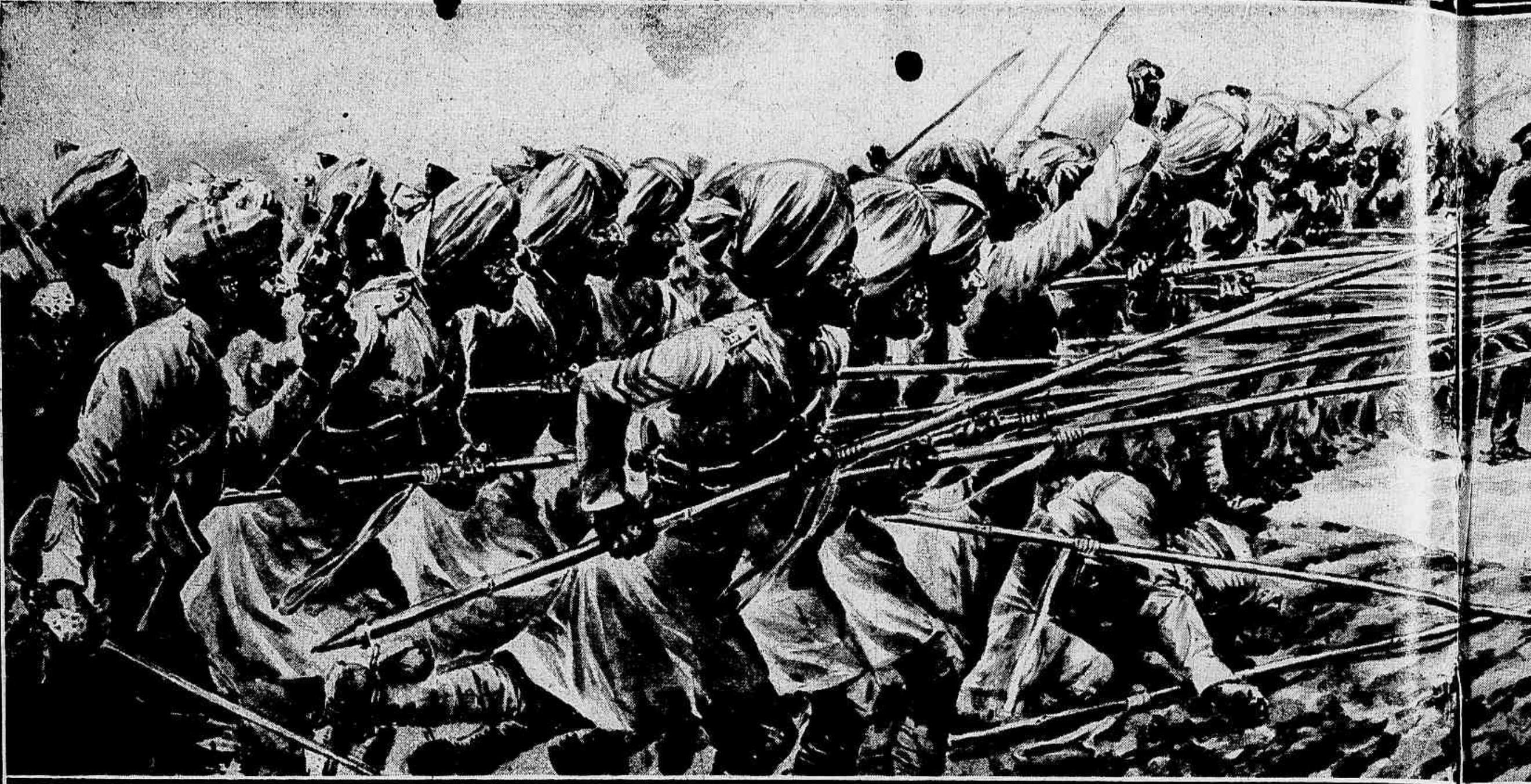
A AVALAN

O exercito russo

CHE SLAVA

nos Karpatos

Kremenz, Serette Rudantz, assenhoreando-se das linhas ferreas de penetração. Segundo as ultimas noticias, o investimento russo foi praticado pelas gargantas de Hyskow, Gerlice Turka e Sakayl, ameaçando directamente Buda-Pest, em replica ás magistraes operações militares allemães na Polonia, que visam á occupação de Varsovia



Os lanceiros hindús de Bengala atacando com uma carga de lança

Mas esse acontecimento, que teria transformado a face do mundo moderno, como a batalha do Actium e a queda de Roma transformaram a face do mundo antigo, não se realizou. Não se realizando, ao gigantesco esforço alemão falta, já agora, um objectivo. Ao seu heroico sacrifício falta o estímulo de uma compensação. Nas primeiras cinco semanas da guerra, quando os exercitos alemães avançavam pela França, através da Belgica, a esperança da tomada de Paris emprestava ao colossal empreendi-

mento guerreiro um surto de epopeia. Tomar Paris, no ano 14 do século XX, era, de facto, uma empresa gloriosa, digna da nova Illiada. Mas a grandiosa aventura fracassou. Substituiu-a o plano, não menos compensador pelos seus resultados, da conquista e dominio do littoral da Mancha. Duas grandes batalhas se feriram para a execução desse plano. Ambas se malograram.

Sabemos que a primeira dessas gigantescas batalhas se realizou sobre a linha de Nieuport-Dix-



O grande ataque da Guarda Prussiana ás trincheiras



Ataca as trincheiras alemãs, em Ramxapelle, perto do Yser

mude, e demonstrou por parte dos alemães um principio de desvairo. Pretender alcançar Dunkerque e Calais pelo littoral maritimo, tendo a defrontar-se no caminho com o exercito franco-belga entrincheirado na margem esquerda do Yser, apoiado pela esquadra franco-inglesa, e sob a ameaça das innundações pela abertura dos diques, era uma concepção audaciosissima, á qual a Allemanha sacrificou, sem resultado, a vida de dezenas de milhares de soldados, desbaratando em hecatombes

estereis a mais soberba das coragens e o mais heroico patriotismo.

A segunda tentativa realisou-se na região de Ypres, sector esse onde os alemães não tinham a receiar, nem as innudações, nem os bombardeios das esquadras. Para aumentar o numero das probabilidades, mais uma vez os alemães tinham deslocado o centro das suas forças e feito refluir para o norte alguns corpos de exercito do activo, como a Guarda Prussiana e o 2º bavaro, reconstituídos nos



Trincheiras inglesas, em Ypres, no dia 11 de Novembro



O Kaiser nas ultimas manobras antes da guerra

seus effectivos pelo affluxo incessante de recrutas e reservistas. Mas desta vez ainda a impetuosa offensiva allemã quebrou-se perante as forças franco-anglo-hindús.

E' então, como derivativo para esse mallogro, que na campanha de léste se incia a segunda investida geral contra Varsovia, a estas horas tambem ameaçada de insuccesso total.

Posto isto, a situação *moral* da Allemanha principia a ser grave. Ao passo que os seus inimigos, *maxime* a Inglaterra, caminham lentamente para o seu objectivo, a Allemanha, pela força das circumstancias, e depois do insuccesso dos seus tres grandes objectivos politico-militares, vê-se redusida á situação de transformar deffinitivamente o character inicial das suas colossaes operações de guerra, de offensivas em deffensivas.

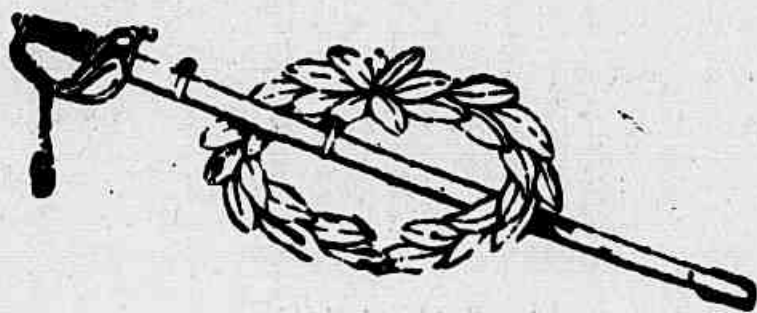
Certo, mesmo confinada na deffensiva, a Allemanha dispõe de estupendos recursos para prolongar a guerra e para deter os poderosos adversarios. Mas isso não obsta a que a guerra tenha deixado de representar para ella um grandioso e compensador interesse politico.

Ambas as suas monumentaes aggressões faharam. Nellas empregou a Allemanha os seus mais fortes soldados, toda a sua magistral sciencia militar, toda a sua soberba organização bellica, to-

dos os recursos do seu formidavel material guerreiro. Irrecusavelmente ella se cobriu de glorias, fazendo a guerra em territorio inimigo e preservando em quasi toda a sua plenitude o sólo da Patria. Mas esse dispendio de heroismo, de energia e de sciencia não obteve, até agora, compensação bastante ao sacrificio colossal de interesses e de vidas, nem lhe attenua, perante o sentimento universal, a culpa do attentado contra a Belgica.

Ser-lhe-ha possivel, no actual estado da campanha assombrosa que ella sustenta nas suas fronteiras oriental e occidental, extrahir do seu organismo potentissimo as energias necessarias para repetir os ataques em condições de exito, epilogadas pela victoria ?

O futuro o dirá. Não nos compete senão o exame dos acontecimentos realizados. Tudo o que importe a pretensão de prevêr o dia de amanhã excede as nossas faculdades e o nosso proposito. A tragedia ainda não alcançou o seu apogeu. E' difficil vaticinar o seu desenlace.

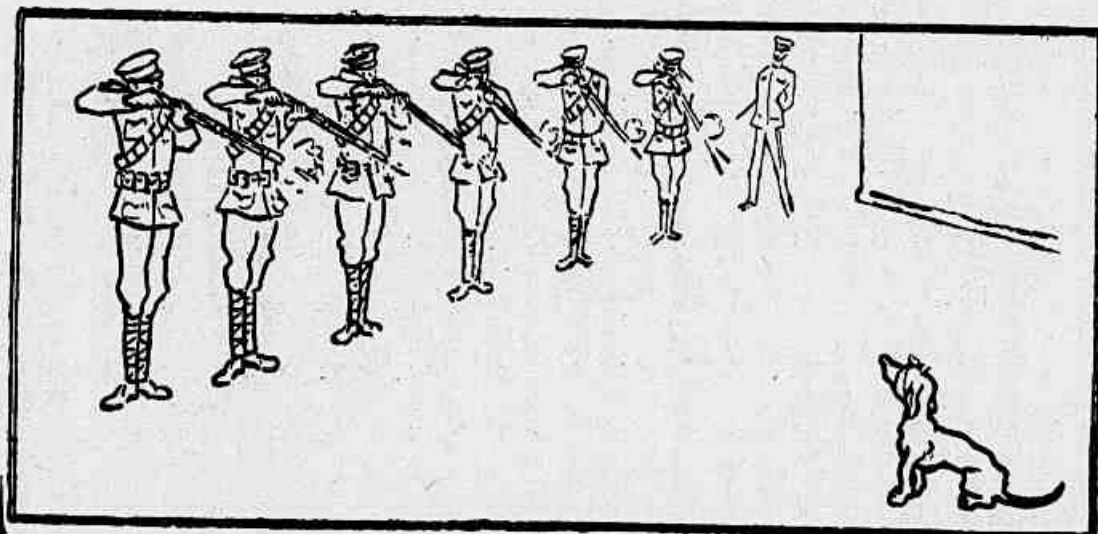


A Caricatura, a Ironia e a Satyra como armas de Guerra

VIII

A OBCESSÃO INGLESA DOS ESPIÕES

(Charge allemã)



1—O alarme: "Um cachorro allemão! Está fazendo sinais a um Zappelin com o rabo!"

2—A prisão: Voces Populi: "Damnado espião allemão!"

3—A execução: O fim de um perigoso espião allemão!

Depois de quatro meses de interrupção, reapareceram *Le Rire*, *Le Fantasio* e *La Vie Parisienne*. Assim resurgem na imprensa de Paris os jornaes que melhor interpretam o humorismo e a malicia gaulleses. E' um symptoma que não pode passar despercebido e que merece uma referencia especial. Já se volta a rir em Paris. E' uma victoria a mais no activo do sombrio marechal Joffre. Certo é, porém, que esse riso não é ainda o riso franco de outr'ora. Esse soaria mal nas trincheiras onde corre o generoso sangue francez. E' o riso peculiar aos



— Pela ultima vez, tens tu algum Zappelin guardado?
— Sim, no meu quarto, num jornal!

momentos de desgraça, o riso que procura heroicamente deffender o genio da raça e estimular o optimismo. E' o espirito armado, o espirito guerreiro, Cyrano que volta a cantar nas trincheiras de Arrás.



Sir Grey e a Esphinge

Composição allemã allusiva á rebelião do Egypto fomentada pela Turquia.



Uma das illustrações do poema, por Kalixto

A Tragedia Divina

Por COSTA VICTOR

O sr. Costa Victor, que Carlos de Vasconcellos nos apresenta no prefacio do seu poema com o esplendor complicado do seu estylo — que tantas veses compromette pelas contorsões sabias da sua syntaxe a vivacidade das suas ideias saborosas e originaes e a acuidade de uma visão critica superior — é um acreano. Este facto basta talvez para explicar, pela sua intima convivencia com a Natureza, a sua concepção naturalista da grande tragedia christã, que de modo algum se presta a ser interpretada pelo modo como o intentou fazer o vehemente poeta. Thema eminentemente espiritualista, elle repelle todas as tentativas de interpretação materialista, principalmente as que procuram realisar-se em arte. La Gattina, mediocre romancista italiano, a quem faltou, para a arriscada empresa, a faculdade artistica de visão de um Eça de Queiroz (na *Reliquia*), e de um Sienkiewicz (no *Quo-Vadis*), já delineara na novella o que o poeta brasileiro agora nos apresenta em verso alexandrino.

Seria renovar, sem originalidade possivel, um estudo já exhaustivamente feito na critica aos trabalhos monumentaes de Renan e de Strauss, oppôr a esta obra poetica as contradicções imponentes da deffesa do espiritualismo christão. Cumpre-nos apenas saudar no poeta acreano um novo e já esplendido cultor do verso, que nos vinte e quatro

sonetos da sua obra de estreia conseguiu impôr-se como um orchestrador verbal magnifico, com que desde hoje é preciso contar no côro dos nossos mais afinados bardos.

Costa Victor não é só um poeta de privilegiados recursos. E' tambem um pensador, com as audacias proprias da mocidade e exacerbadas pelo treino viril e energico de uma vida que heroicamente se prodigalisa nas "selvas equatoriales". Todos temos o direito de esperar deste artista varonil outras obras onde progrida, a par do seu pensamento, a sua technica, e que, uma vez liberto da fortuita obsessão que inspirou a sua tão pouca divina *Tragedia Divina*, elle concorra poderosamente para propagar na litteratura nacional os nobres incentivos da virilidade, da attracção pela luta e pelo esforço, do amor pelo territorio, da esperanza no grandioso futuro que nos aguarda e para o qual é urgente que eduquemos gerações redivivas de "bandeirantes". Essa obra futura, que esperamos de Costa Victor, certamente resgatará o seu actual desperdicio esteril de tanta belleza de arte para nos dar uma versão de pathologia amorosa de um dos mais sublimes episodios da ideologia humana.

As illustrações de Kalixto, acompanhando cada um dos sonetos, imprimem á edição do poema um grande cunho de arte.

Página do Poeta



I

Elogio da luz

(Ao bello talento do joven diplomata
Pessoa de Queiroz)

Luz de meus sonhos, aurea luz, divina,
Excelsa apparição de encantamento!
Forma intangivel da Arte peregrina.
Da côr, do som, do ideal, do sentimento!

Luz radiante e pagan do pensamento,
Do evangelho do Bem, que o Bem ensina...
Miragem das miragens... meu alento,
Minha vida, minh'alma, minha sina!

Fluido subtil de plagas insondaveis,
Das longinquas estrellas ineffaveis,
Das vagas, das esphas soberanas.

Vibra... Florêja todo o meu caminho
Dos grandes roseirae do teu carinho
E do encanto das cousas sobre-humanas

II

Elogio do sonho

O meu sonho sereno e magestoso!
Mirifica illusão indefinida,
Da grandiloqua esphera, inattingida,
Das sensações immateriaes do goso...

Sonho—illusão... sonho—alto sol glorioso
Das tremendas peajas dessa vida,
Onde, por veses, rola a alma vencida
No silencio de um mundo nebuloso!

Sê, ó meu grande amigo e grande Eleito!
Entre os puros e bons o mais perfeito:
— O mais perfeito e puro sentimento!

Sê todo Essencia... todo Claridade...
E toda soberana magestade
Da humana irradiação do Entendimento!

III

Elogio do silencio

Horas solemnes de presentimentos...
O Rei-phantasma das regiões aladas,
Das tremulas estrellas apagadas,
Dos altiloquos e amplos firmamentos!

Quem, senão tu, comprehende os vis tormentos?
Os gemidos, as queixas abafadas
Desses seres perdidos nas estradas
Profundas dos profundos soffrimentos...

Silencio... Areiaes egypcios e desertos,
Olhos sem luz e, para os ceus, abertos,
Sombras da noite, sombras sepulchraes...

Silencio—templo em ruinas e destroços!
Vidas que já se foram, monte de ossos,
Reminiscencias vans e nada mais!

Mariano Lemos.



Paysagens Sentimentaes

(FRANCISCO VILLAESPEA)

A' Mlle. Edith Capote Valente.

Eras tenue e suave... Tinhas prêsa
A ti a ideal fragilidade humana
De uma pallida virgem japonesa
Numa estufa de fina porcelana.

(Sob um céu adoentado de turqueza
Da cerejeira o almo verdor se empana
E o escarlata dos fructos de surpresa,
De um roseo de morango se engalana...)

Tua nivea belleza aprisionada
No kimono de fitas e de fólhos,
O fumo, a bruma e a cinza nos evoca...

E brilham na tua face macerada
As duas gôttas de tinta dos teus olhos
E o saynête de lacre da tua bôcca!...

Olegario Mariano.

"LONDRES, 28. — O general Cherfils, em artigo publicado num jornal francez, propõe que, terminada a guerra, os chefes de Estado dos paizes aliados instituem um tribunal para processar o Kaiser, o imperador Francisco José, e os generaes commandantes dos corpos de exercito austro-allemaes, afim de serem apuradas todas as responsabilidades pelas crueldades praticadas no decorrer da guerra".

Recortamos dos jornaes futuros o seguinte emocionante julgamento:

A's tres horas da tarde, aberto o Tribunal da Haya pelo juiz Presidente sr. Victor Manoel de Saboya, deu-se principio ao julgamento dos famosos bandoleiros Guilherme de Hohenzollern, mais conhecido por "Kaiser" e Francisco José de Habsburg, o "Não morre", que durante alguns annos conseguiram trazer em sobresalto a pacata região da Europa, hoje emfim, livre dos audaciosos bandos que, por elles capitaneados, espalhavam o terror e a morte por toda a parte.

Lido o longo libello accusatorio, procedeu-se ao interrogatorio dos réus.

— O seu nome? perguntou o juiz ao primeiro.

— Guilherme de Hohenzollern ou Guilherme II.

— Edade?

— A de ter mais juizo.
— Estado?
— Desesperador.
— Profissão?
— Imperador.
— Sabe de que é accusado?
— Não desgostava que m'o dissessem, respondeu cynicamente o interrogado.

N'esta altura a assistencia, composta em grande numero de almas do outro mundo, mutilados, cegos, côxos, etc., etc., prorompeu em vaias e doestos contra o accusado que, de pé e bigodes eriçados, aparentava a maior calma e indiferença.

Imposto silencio á turba, o juiz explicou:

— O reu e o seu cumplice são accusados da pratica das maiores crueldades no decorrer das peturbações que tanto infelicitaram a Europa ultimamente. São responsaveis pelos maiores crimes...

— Contra a civilização e a liberdade, interrompeu entusiasmado o sr. Pedro Karageorgeovitch, juiz auxiliar servio.

— Mataram, saquearam, incendiaram e roubaram sem o menor pudor. Merecem um castigo exemplar!

N'este momento o sr. Nicolau Russo, que fazia parte do jury, sentindo-se muito incommodado, pediu licença para ir tomar ar.

Procedeu-se em seguida ao interrogatorio do outro accusado.

— O seu nome?

— Chico de Habsburgo.

— Edade?
— Toda.
— Estado?
— Tinha muitos mas com esta trapalhada estou a ver que nem a Austria me deixam.

— Profissão?
— A mesma do meu socio.
— Sabe de que é accusado?
— Ouvi dizel-o ha pouco.
— Tem alguma cousa a allegar em sua deffesa?

— Quiz lavar uma affronta.

— Quiz mas foi liquidar a heroica raça latina, gritou o sr. Poht-Mcht-Pká, joven hindú, advogado de accusação.

— Appoiado, berrou um argelino do jury.

— Assim é que elles se desmascaram, affirmou o sr. Mutusuhito, advogado japoniez.

— Viva a civilização! exclamou o sr. Karageorgeovitch. Castigue-se o crime. Esses homens não respeitaram tratados nem direitos. Queimaram, arrazaram e violaram. Lynche-se!

— Lyncha! Lyncha! apoiou o povo.

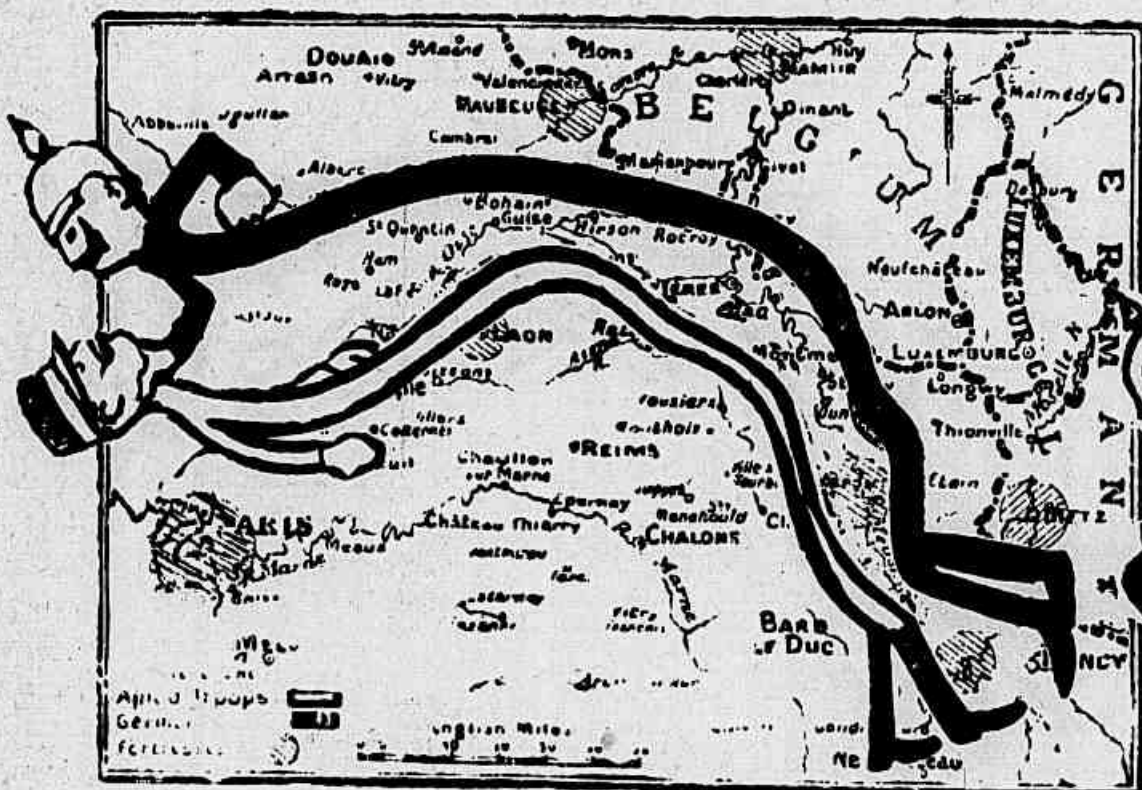
O sr. Nicolau Russo, sentindo-se novamente deveras incomodado, retirou-se da sala a toda a pressa.

Terminado o julgamento, o jury abandonou o tribunal, para responder aos quesitos que attribuiram aos dois reus os crimes de fogo posto, assassinato, arrombamento e roubo.

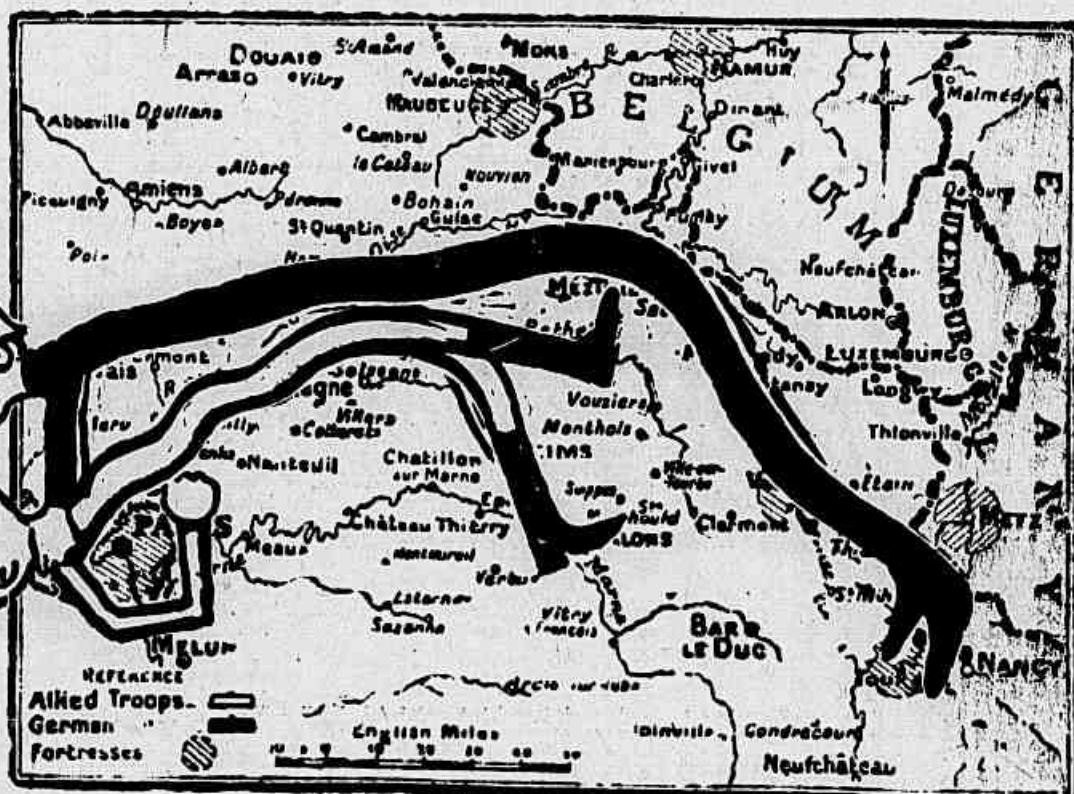
A's cinco horas da tarde, no meio do



A verdade sobre a campanha de França



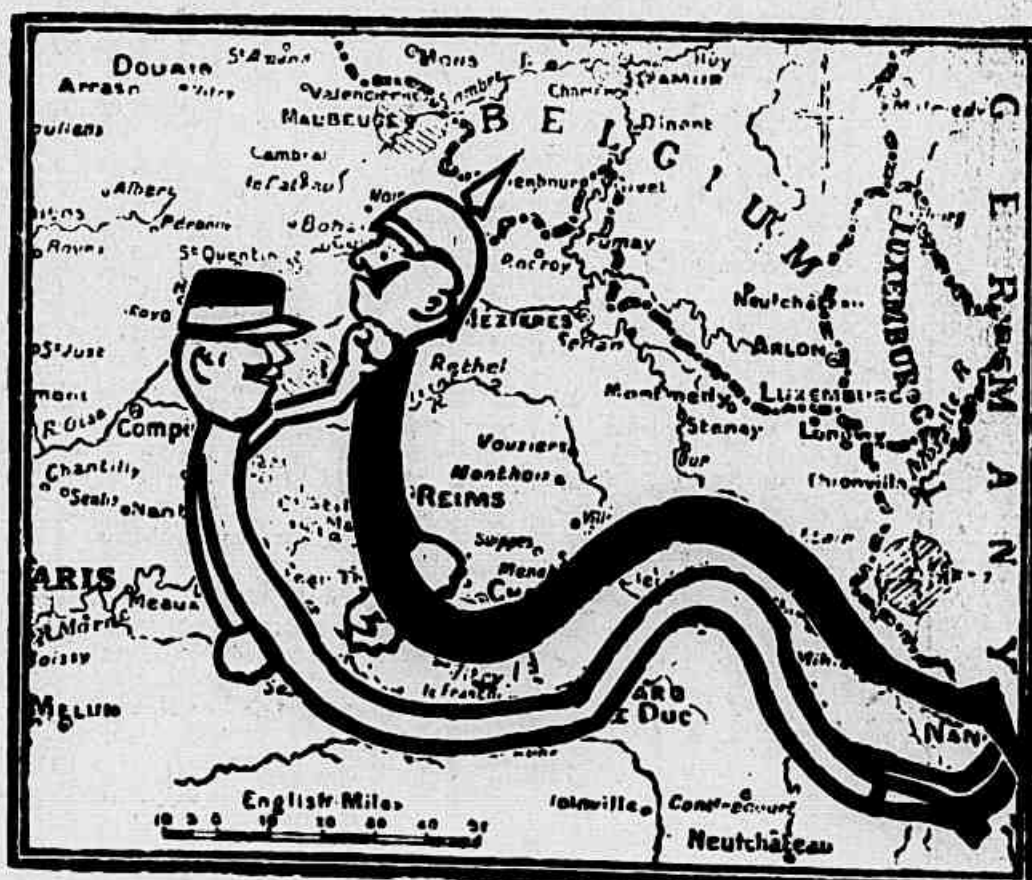
Em 1 de Setembro



Em 5 de Setembro



Em 6 de Setembro



Em 11 de Setembro

mais profundo silencio, o sr. juiz presidente leu a sentença:

— Em nome da Civilização, do Progresso e do Commercio, gravemente atacados pelos reus aqui presentes, condemno-os sem appellação a serem feitos immediatamente em bifes”.

— Oh! Yes! Com batatas, approva, rubro, o sr. Eduard Grey, que puxou logo do facalhão.

E foi encerrado o julgamento.

American Life

A colonia americana deu á elegancia carioca, na noite do *reveillon* do Anno Novo, uma lição que deveria aproveitar-lhe.

Aqui descrevemos o que foi essa obra-prima de sensaboria e de falta de expansiva condealidade, que se chamou o *reveillon* de Natal no Assyrio, onde se dera entrevista o nosso *high-life*. Outro, muito outro, era o aspecto do Assyrio na noite de 31, e para que um tal phenomeno fosse possivel bastou que a colonia americana, presidida pelo seu Embaixador, reconstituisse em miniatura, no restaurante do Municipal, a grande festa *yankee* da passagem do anno: expoente maximo da saudavel alegria do grande povo anglo-saxonico da America do Norte.

Para alli se transplantara um fragmento alegre de Nova York. Com um pouco de fantasia podiamos suppor-nos transportados á sala egypcia do Murray's, onde se baralha, ao soar das dose horas da noite de S. Sylvestre, uma multidão empolgada pelo delirio da jovialidade, entre o rumor das musicas, dos hurras, do estoirar do *champagne*, do tinir das taças de crystal e do estalar dos beijos.

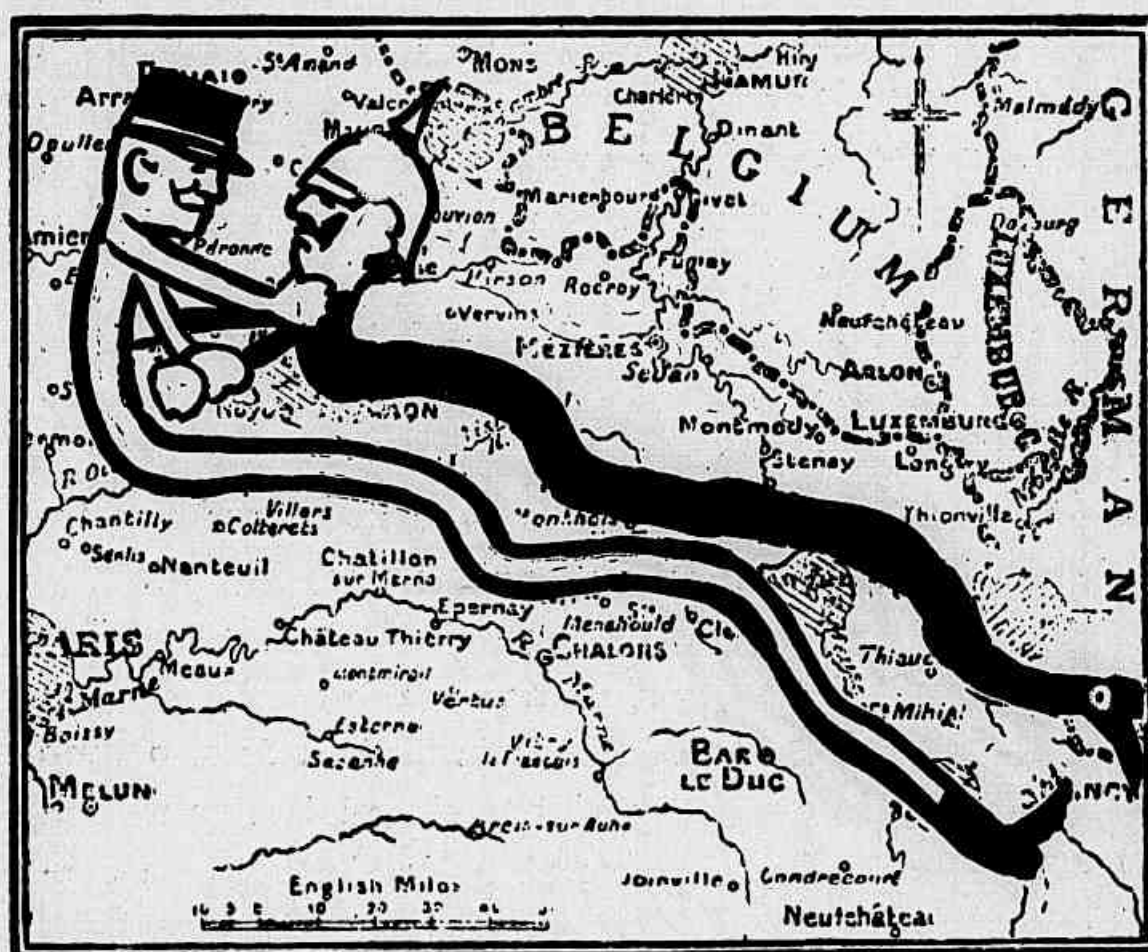
Quizeramos que a actual geração de lindas moças cariocas, educadas na Universidade do Binoculo, tivesse visto nessa noite do Assyrio a vivacidade da mulher americana, o encanto hypnotico da sua graça despretenciosa, a comprehensão maravilhosa que ella tem da sua missão na terra: verdadeira Musa da felicidade, premio delicioso da vida, inspiradora do optimismo, rainha coroada da Alegria.

Mas, infelizmente, o *smart-set* carioca fez-se apenas representar no *reveillon* da passagem do anno. Não se animou, depois do fiasco da noite de 24, a repetir a experiencia. Foi pena. A exuberante, a saudavel alegria americana constitue um espectáculo confortador, que só deixou de ser uma lição salutar por falta de concorrência á aula.

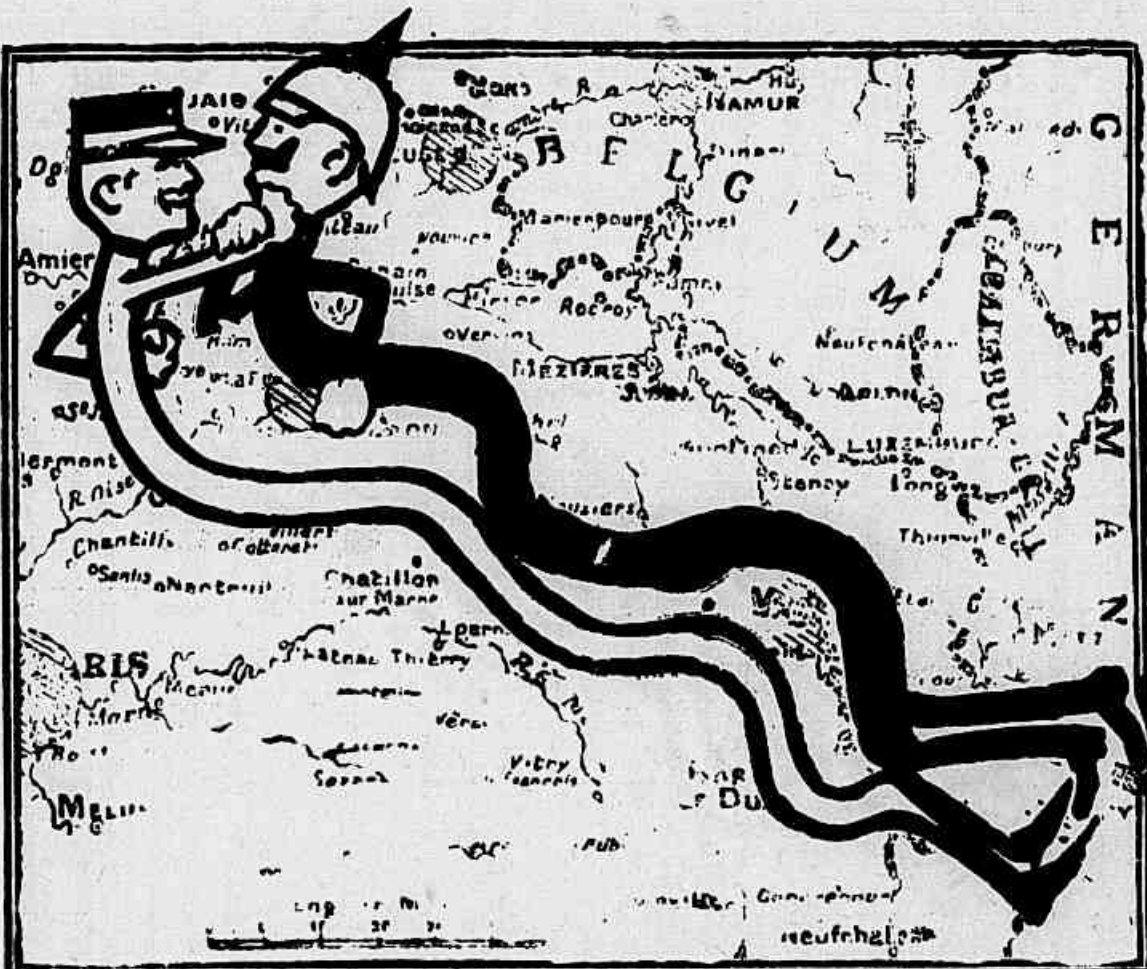
Dualidades

Estamos no regimen das dualidades. E' uma distracção, á falta de outra. Em alguma cousa, neste tempo de crise, nós haviamos de ser exuberantes, para não perdermos o habito da prodigalidade. Tinhamos os dois Presidentes do Estado do Rio. Apareceram os dois directores da Escola de Bellas Artes. Tivemos tambem duas iniciativas, simultaneas e ciumentas, da batalha de *confetti* da Avenida: a da *Gazeta de Noticias* e a da *Noite*.

Os dois jornaes reclamaram as honras da iniciativa da festa e, perante o successo estrondoso que resultou dessa emulação, ambos acabaram por trocar os galanteios e as felicitações que um ao outro se deviam. Marques da Silva, do seu sacco de velludo, arrancou mãos-cheias de *confetti* de ouro com que foi polvilhar as distinctas senhoras que presidiam ao concurso da *Gazeta*. Não acabará assim, naturalmente, com este gesto gentil, o torneio juridico-politico dos Presidentes do Estado do Rio, sob uma chuva de *confetti* doirados, despejados, por mão amavel, de uma bolsa de velludo.



Em 21 de Setembro



Em 28 de Setembro



Em 13 de Outubro



Actualmente

SORRISOS & FRIVOLIDADES



O Rio civilisa-se! — era o mote, a divisa de Figueiredo Pimentel, no tempo em que dirigia, com poderes discricionarios, o Ministerio da Moda, instalado no edificio do "Binoculo", sito nas paginas roseas da "Gazeta".

A Revista progride! — diremos nós, paraphraseando a divisa do professor da elegancia carioca. Sob o pseudonymo de *Braz*, que occulta um distincto escriptor da nova geração, muito relacionado nas rodas do *bom-tom*, a *Revista da Semana* principia no proximo numero a publicar a *Chronica Elegante* de Petropolis. Em breve, aos noticiarios elegantes do Rio e de Petropolis, se reunirá o de S. Paulo.

A Revista progride!



Acaba de morrer em Londres um dos prelados mais estimados e populares de Inglaterra. Era catholico depois de haver sido protestante, o que em outra qualquer parte lhe teria me-

recido o epitheto de renegado, mas que em Inglaterra lhe valeu ser apreciado por catholicos e protestantes. Chama-se este prelado, Monsenhor Benson. Eis as expressões, respeitosas e deferentes, com que um dos nossos grandes confrades de Londres se referiu ao defuncto:

"Mgr. Benson era uma bella consciencia, muito nobre e muito pura. O seu prestigio moral era enorme. Sua vida foi de veras edificante, no sentido mais rigorosamente religioso. A' eloquencia do pulpito accrescentou uma merecida fama litteraria. Seus numerosos romances idealistas consolaram muitas almas. Alem de tudo isto, ninguem ignora quanto eram considerados e apreciados os artigos que regularmente consagrava aos matches de foot-ball e nos quaes revelava a competencia de um mestre"...

Isto, sim, é genuinamente britannico!



Do "Diario" de um dos mais elegantes socios do Club dos Diarios:

1 Dezembro — Lolotte regressou hoje de Paris. Ia casar quando justamente rebentou a guerra e ella verificou que era allemão o homem que ella amava exasperadamente. Scena, lagrimas, telegrammas, reconciliação, embarque em Bordeus, desembarque no Caes Mauá. Tanto melhor! Fui esperar Lolotte. Trasia um vestido com as côres nacionaes (della), um chapéo escossez, sapatos russos, botões imitando couves de Bruxellas. Beijei-a com o mais correcto e resignado entusiasmo.

— Morte aos Boches! — gritou Lolotte, descendo ao caes, e antes mesmo de retribuir o meu beijo de recepção.

Tenho de reconhecer que a guerra alterou muito o character de Lolotte.

2 Dezembro — Lolotte deitou ao W. C. os meus quatro litros de Agua de Colonia. O seu patriotismo não me consentia que usasse uma agua que tem o nome de uma cidade inimiga.

3 Dezembro — Lolotte inquieta-me. Acaba de escrever ao Ministro de França lembrando-lhe a necessidade de mudarem-se os nomes, urgentemente, do acido-prussico (que propõe se passe a chamar acido-russico), á rua Germain-Pilon, e ao azul de Prussia, que deverá chamar-se para o futuro azul de Bretanha.

4 Dezembro — Lolotte está furiosa. O Ministro de França não lhe respondeu.

5 Dezembro — Lolotte quebrou todas as minhas porcellanas de Saxe.

6 Dezembro — Lolotte tosqueou Bobby, pequenina bola branca, sedosa e quadrupede, pela qual eu dera, o anno passado, vinte e cinco luizes na exposição canina de Paris. Cortou-lhe a cau-



da, aparou-lhe as orelhas e pintou-lhe o nariz. O pobre bicho ficou hediondo, mas Lolotte affirma que só assim o pode admittir em casa, depois de lhe ter feito perder todas as suas características pomerianas.

7 Dezembro — A guerra invadiu também a minha casa. Lolotte deitou ao lixo a minha edição de luxo do *Fausto*, de Goethe e quer mandar fazer o retrato a oleo do general Joffre.

8 Dezembro — Lolotte parte amanhã para Londres. Vae servir na Cruz Vermelha... de uma revista do Alhambra.



A oratoria prestigiosa do Sr. Conselheiro Ruy Barbosa chamou sempre ao Senado desusada concurrencia. Nas galerias e nos corredores accumulam-se os visitantes ávidos de escutar a palavra erudita do illustre politico. O genero feminino tambem reluz com toda a seducção e luxo dos chapéus e dos vestidos, das joias e dos perfumes, animando com uma nota scintilante a compostura e gravidade do recinto.

Não havendo mais logares em todas as galerias a multidão vai-se installando na que está reservada á imprensa, sobrepondo-se e apertando os que lá exercem a sua profissão de jornalistas.

Em uma destas sessões um jornalista, sentindo o pezo e o aperto de um espectador estranho, não se conteve mais e perguntou-lhe:

— O sr. tambem é da imprensa?

— Não, sr., respondeu o interrogado, mas tenho um amigo que é primo d'um homem que tem um filho que vende jornaes!

E em homenagem ao *collega*, o jornalista calou-se e continuou a tomar notas do que o Sr. Ruy Barbosa dizia.



Nos cernáculos litterarios murmura-se que o poeta acreano Costa Victor, auctor da "Tragedia Divina", se parece com um escriptor de nome consagrado, engenheiro distincto, que das suas demoradas viagens nos Estados Unidos e na Europa nos trouxe alguns livros substanciaes de critica, escriptos numa linguagem opulenta, da es-

cola de Euclydes. Se fosse verdade o que se diz, isso revelaria que no intrepido pioneiro do Acre existe um poeta timido. Mas para um poeta timido o seu poema é terrivelmente audacioso. Mais vale consideral-o como um poeta modesto. Mas tambem, para um poeta modesto, os seus versos são bons demais. E então é melhor não acreditar no murmurio dos cenáculos litterarios, que murmuram eternamente como as colmeias de abelhas — onde, porém, se não fabrica mel, mas fel.



A obra prima da belleza seria a mulher que tivesse os olhos, o porte e o andar de Juno, o rosto de Hebe, a graça de Venus, a cintura de Diana, os braços de Minerva, as mãos de Latona, os pés de Thetis, a brancura de Vesta, a frescura de Flora, e o conjuncto de graças de Euphrosina.

Pretende-se que as mulheres da antiguidade, que mais se approximaram d'este modelo, foram: Semiramis; Andromaca; Hecuba; Polixena; Penélope; Phryné, de Athenas; Diotima, de Athenas; Lais, de Corintho; Lamia, por quem se apaixonou Demetrio-Poliorcetes; Argia, mulher de Polynice; Alceste, esposa de Admeto; Sysigambis, mulher de Dario; Lucrecia; Cleopatra; Panthêa, esposa de Abradantes; Rhodope, por quem o rei Psamético se apaixonou vendo o seu sapato; Hesione; a impetratriz Livia e Therenca, mulher de Mecenás.

Mas não o podemos garantir...



Os jornaes de Paris attribuem ao embaixador dos Estados-Unidos em França, Mr. Herrich, uma phrase que, com pequenas variantes, foi proferida pelo ministro de Hespanha, em Lisboa, marquez de Villalobar, dois annos antes. Isto quer apenas diser que *les beaux esprits... des diplomates se recontrent*.

No dia seguinte á visita de um Taube, que deixara cahir uma bomba nas proximidades da igreja americana, em sitio por onde passara, momentos

antes, Mr. Herrich, alguém disse ao eminente diplomata:

— E' terrivel pensar que por alguns minutos aquella bomba lhe custaria a vida!

— Meu caro senhor, respondeu gravemente o embaixador americano, ha momentos em que a morte de um homem tem mil vezes mais valor que a sua vida...

Agora a phrase do marquez de Villalobar (que nada menos era do que sobrinho da Imperatriz Eugenia). Alguem o advertia do perigo a que se expunha mostrando-se nas ruas de Lisboa nas horas de maior exaltação politica e quando a attitude de Hespanha merecia aos republicanos as maies asperas censuras.

O diplomata, com um sorriso terrivel respondeu:

— O meu dever é procurar servir a minha Patria o melhor que posso e não podia servir-a melhor do que morrendo...



Na noite da batalha de confetti:

1º vagabundo. — Se encontrássemos uma carteira com dinheiro, podíamos hoje ficar ricos.

2º vagabundo. — E podíamos estar amanhã no xadrez.



DUAS EPOCAS

I

Ella disse-me um dia a soluçar:

— Se me deixasses, podes crêr, morria.
E o fulgor sensual do seu olhar
Em lagrimas ardentes se fundia.

II

Mais tarde, nossas almas separadas,
Relembrei-lhe essa phrase de tormento;
E ella então respondeu-me ás gargalhadas:

— Foram palavras que eu soltei ao (vento.

Luis de Moraes Carvalho.

D. Julieta Corrêa

(Mezzo soprano)

1º premio e medalha de ouro do concurso de canto do Instituto Nacional de Musica

Realisou-se a 29 de Dezembro no Instituto Nacional de Musica o concurso de canto a que concorreram diversos alumnos deste estabelecimento.

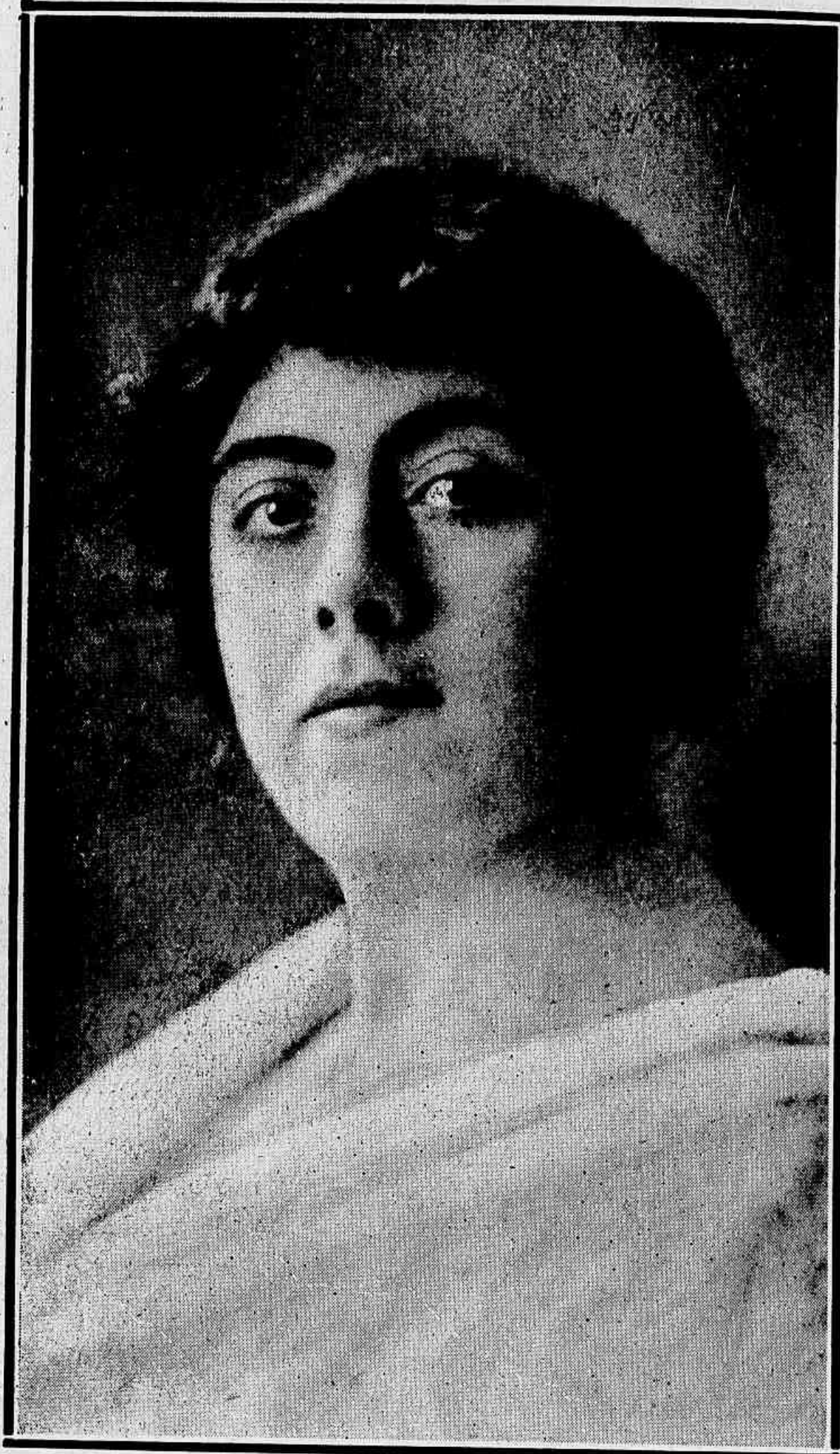
Eram tres os premios destinados aos alumnos que sobresaíssem nas provas: medalha de ouro, medalha de prata e medalha de bronze.

Depois de submittidos os concorrentes ás diversas provas, obteve o primeiro premio de honra, medalha de ouro, a Srª. Julieta Corrêa, que teve como prova uma aria do "Orpheu" de Gluck, dada pela commissão examinadora.

Em seguida, cantou a aria em francez, "Psyché", de Ambroise Thomas, e "Dor sem consolo", em portuguez, escolhida esta pelo maestro Nepomuceno, obtendo em todas essas provas optimas classificações.

A Srª. Julieta Corrêa entrou para o Instituto Nacional em março de 1912, fazendo com distincção todos os seus exames, terminando com o premio de honra o seu curso. Ha mais, em seu louvor, o seguinte: fez em dous annos todos os exames, que geralmente são feitos em seis.

E' realmente uma demonstração de valor que teve agora o seu premio, o mais merecido, sem duvida.



OS FILHOS

Os filhos constituem uma necessidade imprescindivel de um lar. Sem elles o hymeneo é incompleto porque deixou de preencher o seu unico e verdadeiro fim.

Um casal sem filhos é como uma arvore sem fructos. Entre os hebreus, o não ter filhos era considerado um castigo de Deus e a propria Biblia é quem nos relata, entre outros, o caso de Abrahão que, por causa da esterilidade de Sara, se viu forçado a tomar por mulher a escrava Agar de quem teve Ismael, tronco da grande familia arabe.

Mas, apesar disso, foram tantas as preces de Abrahão e de Sara, que Jeovah lhes concedeu a dita, dando-lhes Izaac.

Em pequenos, constituem o encanto do lar e são, muitas vezes, uma graça que Deus concede, por serem quasi sempre um meio de desenvolver a energia e a vontade dos que têm a ventura de ser paes, impedindo-os de trilharem a vereda tortuosa dos vicios.

São um incentivo poderoso do trabalho e um freio ás paixões desordenadas do homem.

Quantas vezes, prestes a cahirmos no abysmo, não voltamos o pé atraz, ao pensarmos no rostinho

a
risonho, innocente, angelical do nosso filhinho, dizer *papá, mamã*, ou a dormir tranquillamente sorrindo para os anjos?!

Quantas vezes não nos desvia das precipitações e dos actos impensados, a lembrança destes unicos e verdadeiros genios tutelares e anjos da guarda de um casal?!

São elles o lenitivo, a consolação das horas tristes, dos momentos tempestuosos de um lar.

São elles o encanto, as delicias dos instantes de paz, de tranquillidade, de bonança de dous seres que se ligaram indissolavelmente pelos liames do casamento.

São, si se pode assim dizer, uma como benção que Deus deita sobre os consortes, uma especie de nó de atilho que mais liga, uma verdadeira peia que torna ainda mais indissolavel a união de dous entes que se amam.

São elles a verdadeira alliança do casamento. Quando homens, são, muitas vezes, o arrimo ou a honra de seus paes e todos os soffrimentos que tragam, todas as contrariedades que proporcionem, todas as chagasque produzam, em vez de espinhos, são flores com que enfeitam o caminho da Gloria, a estrada que nos ha de conduzir á bemaventurança eterna.

J. Elysio do Couto.

Tudo que é preciso para escrever



Parece que as mulheres, novamente, se dedicam á arte epistolar! A brasileira, como a parisiense, principia a saber escrever as suas cartas, se não tão bem como as escreveriam Marcelle Tinayre ou D. Julia Lopes de Almeida, pelo menos com essa facilidade elegante, que é o estylo dos que o não têm. Sem a preocupação de attingir a virtuosidade de uma Marquesa de Sevigné, a verdade, porém, é que a brasileira já nos revela a paciência de encher duas paginas, e mesmo quatro, de papel de carta com bastante espirito e com a sufficiente grammatica.

Nós eramos o paiz das cartas sem resposta. Escrever uma carta affigurava-se-nos uma attribuição. Diante desse heroismo de escrever algumas cartas, esmorecíamos, desanimávamos. Havia brasileiras que preferiam ter um bébé a escrever uma carta!... E' possível que a maior liberdade da educação moderna, o gosto mais diffundido pela litteratura, e a experiencia epistolar exigida pela diffusão do *flirt* — que é o "amor Sloper" — tenham concorrido para reconciliar a mulher moderna com a penna. O facto é que, outra vez, se encontram mulheres que, sem terem o curso da Escola Normal, sem serem poetisas nem romancistas, sabem escrever uma linda carta. Este progresso é para louvar numa epoca em que o bilhete postal illustrado ameaçou destruir a arte de escrever cartas, em que os nossos bisavós foram mestres insignes.

Por isto tambem, logo que se compre-

hendeu que a mulher não persistia no horror pela tinta de escrever, se inventaram e construíram para ella as mais lindas e *coquettes* secretárias, meio termo entre a *coiffeuse* e o antigo *bonheur du jour*: os mais artisticos e luxuosos papeis; os utensilios mais encantadores para escrever: verdadeiros *bibelots* de arte, authenticas joias de preço.

O tinteiro da mulher elegante, por exemplo, não se encontra mais nas papelarias, redusidas a fornecer os homens de negocio e as casas de commercio, mas nas ourivessarias e nos especialistas de objectos de arte. O bronze, a prata, o ouro, a platina, os esmaltes, as porcellanas de Sévres e de Saxe, o



onyx, o lapis-lazulli — eis os materiaes preciosos com que se constróe o recipiente da tinta destinada a uma secretária feminina. E a propria tinta aristocratisou-se. Reconheceu-se que uma mulher *chic* não podia usar da mesma tinta em que os seus fornecedores escrevem ás suas contas de modas, e criaram-se as tintas azul-verde, vermelha violacea, azul da Prussia, preto Nankim... E como isso ainda fosse pouco, perfumaram-se as tintas, como se perfumou o lacre, como se perfumou o papel!

A penna acompanhou, com mais razão, esse delirio megalomanico da epistolographia feminina. Destinada a ser manejada por mãos tratadas por manicuras, enriquecidas de anneis que valem, ás vezes, uma fortuna, as pennas converteram-se em utensilios preciosos, e cravejaram-se de pedrarias,

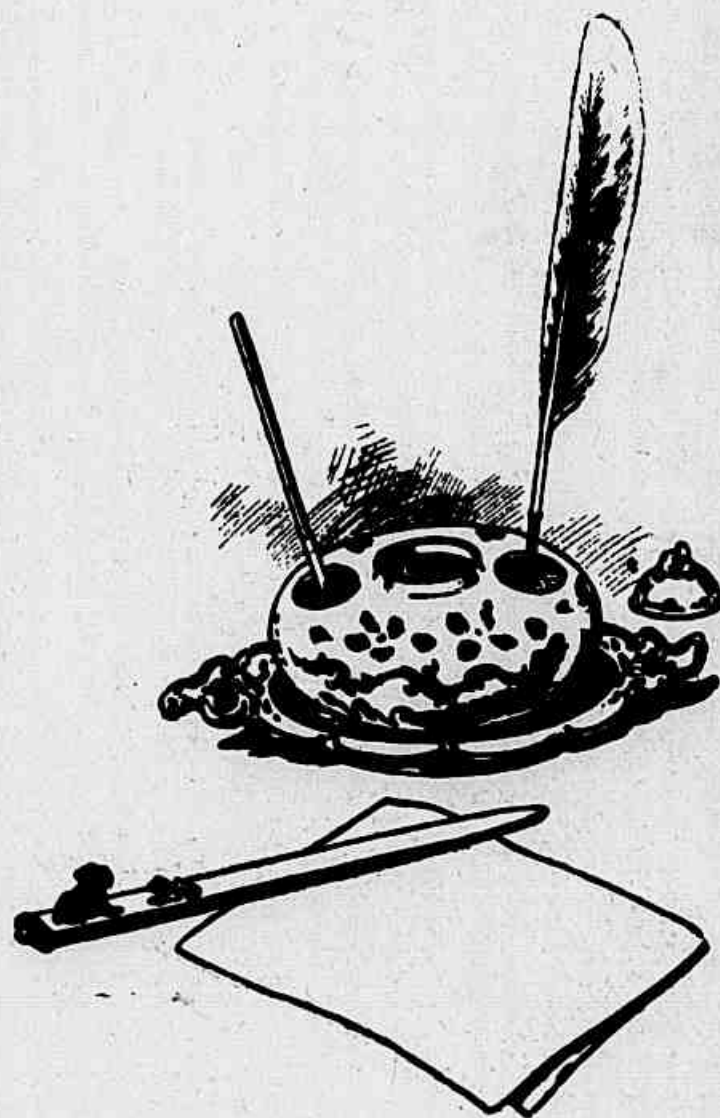
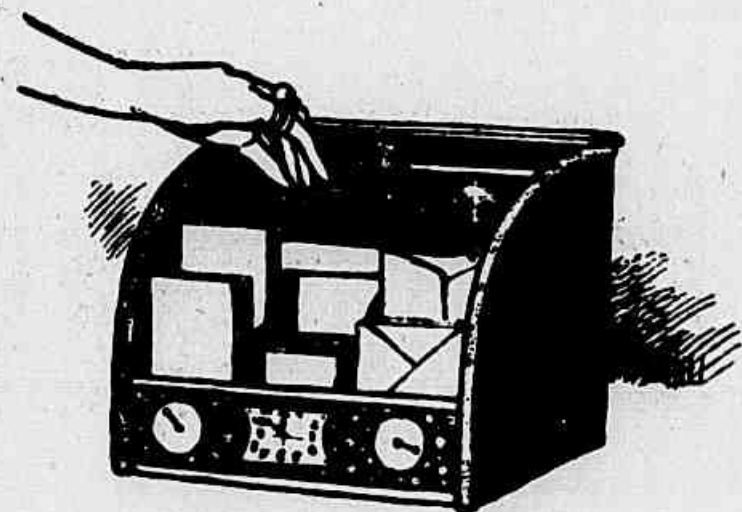
como minusculos sceptros. A penna da mulher elegante é, porém, a penna de tartaruga, lisa, com o *porte-plume* em ouro, ou a classica penna de pato, a mesma com que Dirceu escreveu os seus madrigaes a Marilia, mas pintada de côres vivas, como as pennas das aves: verde, vermelha, azul, violeta...

O essencial, todavia, para imprimir a uma carta um *cachet* de elegancia, é a qualidade e formato do papel e é a caligraphia. O papel da mulher authenticamente elegante é de uma só côr. Quando muito pode-se-lhe permittir uma pequenina listra em volta. Como unica decoração a esse papel de uma só côr neutra — as côres vivas são detestaveis e vulgares — o monogramma, um brasão de armas ou uma divisa.

As inglesas usam mandar gravar no alto da pagina, á direita, a sua morada, como nos bilhetes de visita.

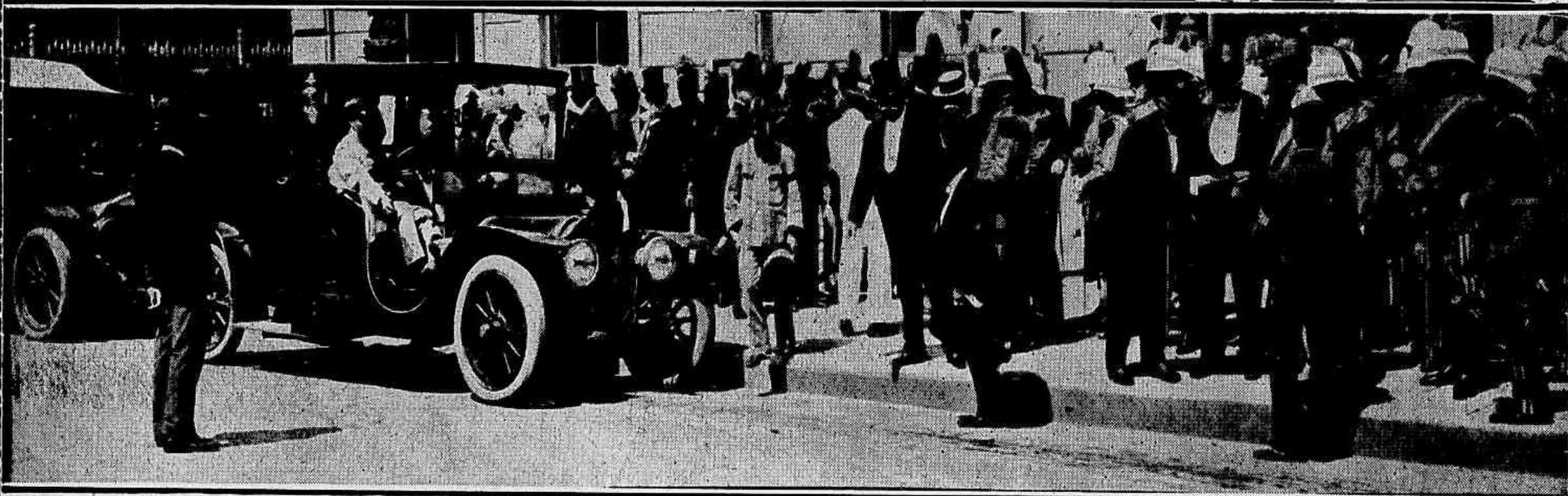
Para accomodar os grandes cursvos da mulher actual, o papel de carta luxuoso attingiu grandes dimensões. O papel *select* ultrapassa 200 milimetros de alto por 140 de largo. O formato oblongo está muito em moda. A letra da mulher elegante é, como disse, grande, obliqua, — e em regra, quanto mais pequenina é a mão que escreve, quanto maiores são os signaes em que ella se exprime. Mesmo ao escrever, a mulher é contradictoria.

R. de L.



A RECEPÇÃO PRESIDENCIAL NO DIA 1

Como da praxe instituida pelo Barão do Rio Branco, o Sr. Presidente da Republica recebeu no dia primeiro do anno os cumprimentos do Corpo Diplomatico, assim como os dos altos funcionarios, auctoridades civis e militares, e officiaes de terra e mar. A recepção do chefe do Estado teve uma grande concorrência, vendo-se no Palacio do Cattete, além dos representantes das nações estrangeiras, as individualidades de maior destaque na politica, no exercito e na armada.



1—O Corpo Diplomatico. 2—A' porta do palacio presidencial



3 e 4—Officiaes superiores do Exercito e Marinha

A posse do Sr. Dr. Nilo Peçanha da Presidencia do Estado do Rio

1—A cerimonia da posse do Sr. Dr. Nilo Peçanha. 2—O Sr. Dr. Nilo Peçanha por occa-



sião do sua entrada no palacio do Ingá. 3—Os sargentos da força militar do Estado que chefiaram a sublevação da Policia, vendo-se ao centro o sargento Antonio da Trindade.

No dia 31 e em obediencia á sentença do Supremo Tribunal Federal, que concedera ao Sr. Dr. Nilo Peçanha o *habeas-corpus* que lhe fôra solicitado para poder empossar-se do cargo de Presidente do Estado do Rio, o palacio do Ingá abriu-se para receber o successor letigioso do Sr. Dr. Oliveira Botelho.

A posse realisou-se no edificio onde funciona a Assembléa dissidente, á rua José Bonifacio, onde o Sr. Dr. Nilo Peçanha proferiu o juramento constitucional, promovendo-lhe os seus correligionarios





grandes manifestações, sendo o novo Presidente do Estado do Rio acclamado entusiasticamente em todo o percurso até ao palacio do Ingá.

Como incidente digno de nota houve a registrar a sublevação da força policial, que sob o commando de um sargento sahiu do quartel para se incorporar no prestito e testemunhar a sua adhesão ao Sr. Dr. Nilo Peçanha.

O edificio da Assembléa da rua José Bonifacio, onde o Sr. Dr. Nilo Peçanha proferiu o juramento constitucional



Um aspecto do Palacio do Ingá por ocasião da posse do Sr. Dr. Nilo Peçanha e depois que S.Ex.o occupou em virtude da interferencia do Governo Federal, requisitada pelo juiz seccional do Estado, Sr. Dr. Octavio Kelly



As bodas de prata do Sr. A. Bove

Um aspecto da reunião na residência do importante negociante Sr. A. Bove, por ocasião da festa em comemoração das suas bodas de prata

—#—

O banquete offerecido ao Sr. Dr. Carlos Seidl no Club da Tijuca



Por motivo do seu regresso da Europa, um numeroso grupo de amigos ao illustre Director da Saude Publica offereceu-lhe no Club da Tijuca um grande banquete de homenagem. Na nossa gravura vêem-se, em companhia do Sr. Dr. Carlos Seidl, os promotores e convivas do jantar.

Figuras & Factos

Water-Polo



O team de Water-Polo do Club Natação e Regatas, vencedor do match



ANTONIO SILVINO

O seu ultimo retrato

O ultimo dos grandes bandidos romanticos dos sertões da Bahia, o prestigioso e temido Antonio Silvino, acabará na prisão a sua vida legendaria

de heroe do crime. No seu retrato, que acima publicamos, é facil lêr os estygmas de energia, de aventureira audacia e de indomavel coragem que foram as características da sua existencia de bandoleiro vagabundo, generoso como Cartouche, intrepido como Mazeppa. A sua tez bronzada testemunha o seu viver errante nas selvas, e fica-se surprehendido de não encontrar na physionomia do heroe de tantas façanhas sanguinosas a expressão de crueldade que as imaginações lhe emprestavam. Será difficil diser até que ponto esse criminoso temivel, que considerou a sua força como uma lei e que subordinou a existencia a esse criterio selvagem, é merecedor do horror que inspirou. Aprisionando-o, a sociedade deffendeu-se. Condemnando-o á clausura não usará apenas do seu direito. Cumprirá o seu dever.

BEBÉS



Caetano Virgilio, aos 7 mezes, filho de D. Noemia Chaves Marcondes de Almeida e do Sr. Dr. Caetano Henrique Marcondes de Almeida.



Attilia, aos 11 mezes

filha do Sr. Tenente

Raul Neves

Au Petit Marché

OUVIDOR, 86

Toda a roupa branca para
senhoras e meninas

Vestidinhos, Toucas e Bonecas

OFFICINA DE COSTURAS

VISITEM

Au Petit Marché

OUVIDOR, 86

ESQUINA DA RUA DA QUITANDA

Crimes de Amor

ROMANCE DO POVO

O que é o Romance do Povo?

O *Romance do Povo* é uma publicação semanal editada pela Secção Editora do *Jornal do Brasil* artisticamente illustrada, contendo dois romances dos mais commoventes e sensacionaes consagrados por muitas edições europeas.

O *Romance do Povo*, é posto á venda ás quintas-feiras em cadernetas de formato 24 cem. por 16, impressa em bom papel assetinado, esplendidas gravuras e capa emocionante a côres.

Inserem um ou mais romances com frontespícios e numeração independentes, podendo assim, logo que estejam concluidos, separarem-se e constituirem bellos volumes dignos da mais caprichosa Bibliotheca.

O *Romance do Povo* principiou pelos notaveis romances

Martyr do Amor

De Hector France

E

Maldita!

De Maxime Villemer

e está iniciando os

Crimes de Amor

de **P. Decourcelle** obras cuja forma de redacção popular e engenhosa composição interessam, commovem e delicias.

Obras primas no seu genero

“O ROMANCE DO POVO” PUBLICA

POR SEMANA NUNCA MENOS DE

32 PAGINAS

Pelo preço unico de 300 réls

Assignatura annual 15\$000

Pedidos á Secção Editora do “Jornal do Brasil”

110 Avenida Rio Branco 112

Instituto de Madame Selda Potocka

(Especialista diplomada)

111 — RUA PAYSANDÚ — 111

Tratamentos da pelle e do cabello pela electricidade e pela luz—Massagens electricas e vibratorias—Extracção radical dos pêlos do rosto por um novo processo sem dôr—Banhos sulfurosos (doenças da pelle)—Banhos hydro-electricos (fortalecimento dos tecidos)—Banhos de Baden-Nauheim (reducção da gordura e tonificação do estomago).

O Instituto de Madame Selda Potocka, no Rio de Janeiro, é a reprodução exacta e completa dos seus Institutos de Lisboa (Rua da Emenda) e de Londres (Harewood Place, 2).

CONSULTAS DAS 9 DA MANHÃ A'S 5 DA TARDE

Entre dois parceiros á mesa do jogo:

— Já que estás ganhando, paga-me os vinte mil réis que te emprestei!

— Não; prefiro antes tornal-os a perder.

Desde que a uma mulher se lhe póde dizer alguma cousa, diz-se-lhe tudo. — *Dupuy.*

Pela assiduidade conquistam-se as mulheres, e pela negligencia conservam-se. — *Desnojers.*

Sempre foi a ligeiresa patrimonio das mulheres. — *Propercio.*

A mulher consegue-se com o desdem. — *Nodier.*

Não ha bellesa ennhuma, por mais excellente, em cujo conjuncto não exista alguma deformidade. — *Bacon.*

A emulação desaparece ante a verdadeira amizade, e o galanteio em frente do verdadeiro amor.

Quanto mais ociosas estão as mulheres, mais occupa-do teem o coração. — *Saniel Dubay.*



QUANDO V. EX.

Presisa de um medicamento, procura certamente o que haja de melhor e de effeito mais seguro, porque um máo remedio poria em risco a sua vida.

PORQUE RAZÃO

Quando quer fumar não usa os delicados cigarros Vanille em vez de usar esses cigarros ordinarios e baratos que infestam o mercado, que são tão perniciosos como as más drogas?

TENHA SEMPRE EM MEMORIA

Que os cigarros Vanille são producto da reputada Fabrica Veado, o que é uma garantia da sua indiscutivel superioridade. Além disto, os cigarros Vanille

SÃO hygienicos,
SÃO agradaveis,
SÃO os cigarros do Grand Chic,
SÃO perfumados,
NÃO atacam o estomago,
NÃO arruinam o systema nervoso.

Poderá V. Ex. apontar uma outra marca de cigarros que possua taes predicados?

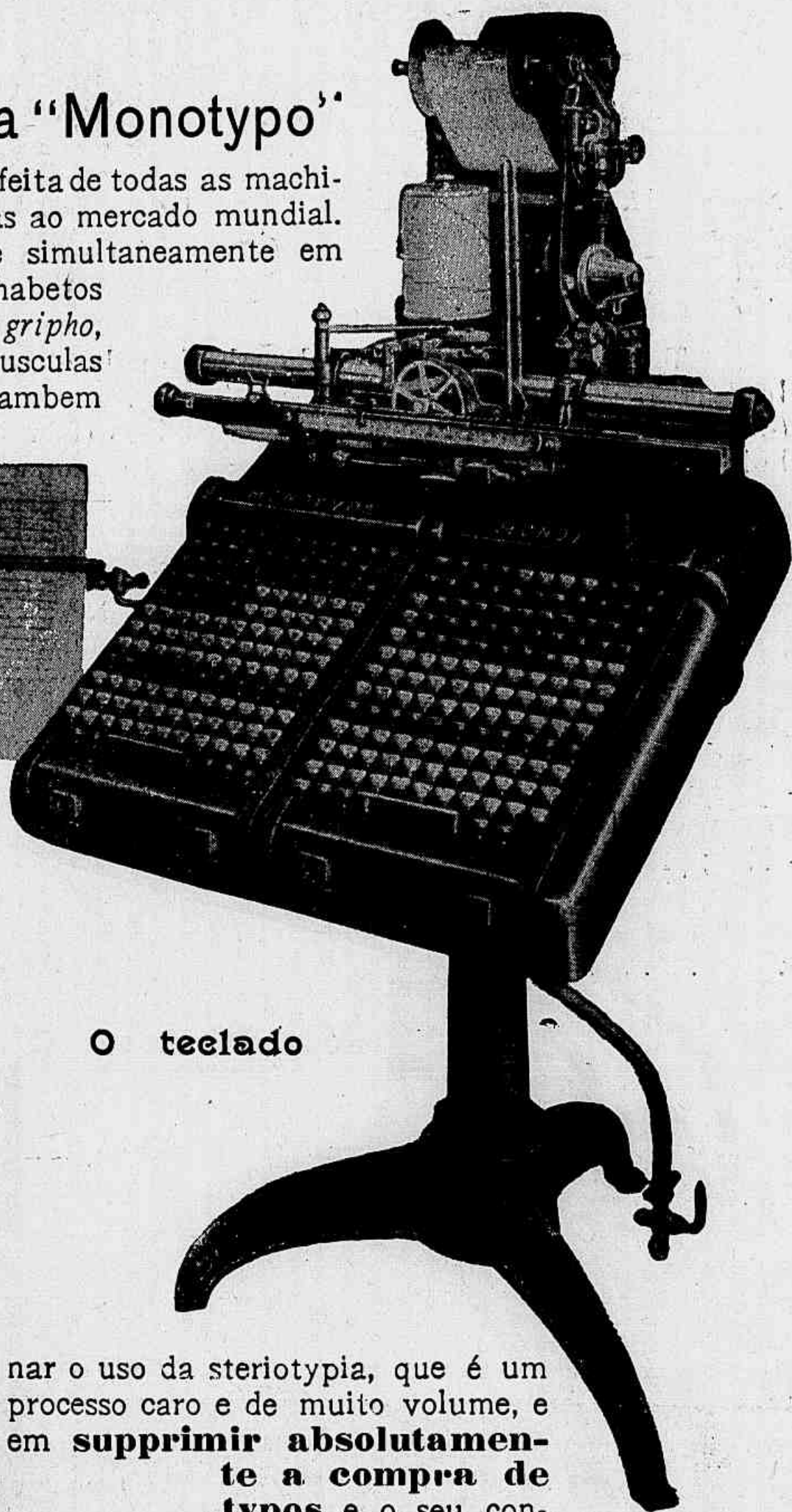
José Francisco Corrêa & Comp.
Assembléa, 94-98-Rio

A MONOTYPO

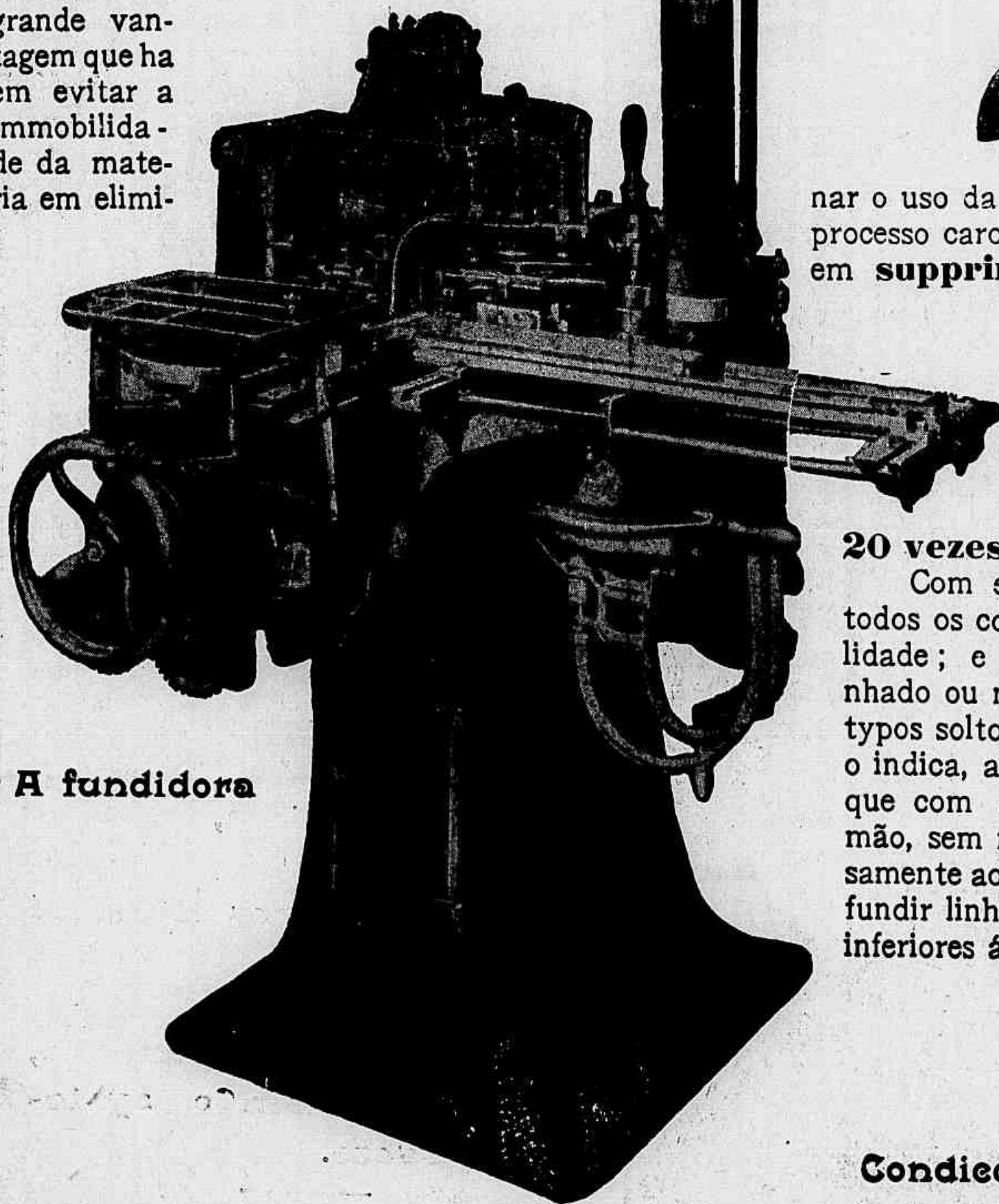
Vantagens da Machina "Monotypo"

A MONOTYPO:—E' a mais pratica e a mais perfeita de todas as machinas de compôr que até o presente tem sido apresentadas ao mercado mundial.

A MONOTYPO:—E' a unica machina que põe simultaneamente em funcção 225 matrizes, compreendendo quatro alphabets completos, isto é: redondo (maiúsculas e minúsculas), *gripho*, (maiúsculas e minúsculas), **VERSALETE**, **negrita**, (maiúsculas e minúsculas), cifras, fracções, signaes diversos e também pôde servir para compôr adornos complicados e outras vinhetas typographicas, impossiveis de se obter com outra qualquer machina de fundir. Compõe em todos os casos até 40 "ciceros" e faz uma infinidade de composições com extrema facilidade, desde o simples membrete até o raído de uma escala. Uma lettra, uma palavra, um titulo ou qualquer outra composição, pôde ser repetida ou refundida tantas vezes quantas se desejem, sem necessidade de nova composição, e isso mesmo se dá com artigos e obras inteiras, compostos em varias occasiões e épocas diferentes, que também podem ser refundidos sem se ter de compor novamente, desde que se conserve a bobina do papel perfurado para passal-o tantas quantas vezes seja necessario na "Fundidora". Com isto basta para se comprehender a grande vantagem que ha em evitar a immobilidade da materia em elimi-



O teclado



A fundidora

nar o uso da steriotypia, que é um processo caro e de muito volume, e em **supprimir absolutamente a compra de typos** e o seu consumo, obtendo-se, em troca, a facilidade de se poder guardar o trabalho por tempo indefinido e com pequeno gasto, **pois que a mesma tira de papel perfurado pôde servir de 15 a 20 vezes na fundição.**

Com esta machina, fundem-se caracteres em todos os corpos, evitam-se "entrelinhas" com facilidade; e também pôde fundir-se corpo entrelinhado ou não. E, como tudo o que é produzido é em typos soltos, como o proprio nome de **Monotypo** o indica, as correcções effectuam-se da mesma fórma que com os typos das fundições de composição á mão, sem necessidade de parar a machina, e inversamente ao que succede com as demais machinas de fundir linhas inteiras, tão preconizadas, mas muito inferiores á **Monotypo**.

Preço razoavel

Condições de pagamento facilimas

Agentes Geraes da **LANSTON MONOTYPE CORPORATION LIMITED**
AVENIDA RIO BRANCO 110 E 112

onde se poderá ver a machina e receber todas as explicações.

A REVISTA DA SEMANA é composta em machina Monotypo.

UMA GRANDE OBRA

O Diccionario das Seis Linguas

Com a pronunciação figurada de todos. Poupa a consulta de muitos dictionarios especiaes, pois comprehende
nada menos de

30 DICCIONARIOS

Estes 30 dictionarios são :

Francez-allemão	Allemão-inglez	Inglez-hepanhol
Allemão-francez	Inglez-allemão	Hespanhol-inglez
Francez-inglez	Allemão-italiano	Inglez-portuguez
Inglez-francez	Italiano-allemão	Portuguez-inglez
Francez-italiano	Allemão-hespanhol	Italiano-hespanhol
Italiano-francez	Hespanhol-allemão	Hespanhol-italiano
Francez-hespanhol	Allemão-portuguez	Italiano-portuguez
Hespanhol-francez	Portuguez-allemão	Portuguez-italiano
Francez-portuguez	Inglez-italiano	Hespanhol-portuguez
Portuguez-francez	Italiano-inglez	Portuguez-hespanhol

«Nem só em Portugal, onde foi publicado, mas ainda em toda a Europa civilizada será saudada esta publicação como obra *nimiamente pratica e efficaz*, e em presença do extraordinario desenvolvimento adquirido pelo estudo das linguas nestes dez annos mais recentes, licito é vaticinar a um *diccionario redigido e coordenado com tanto esmero, qual é este* que tenho presente, exito extraordinario a par de legitimo.—Alex Bruns».

A obra compõe-se de um grosso volume de mais de 2.000 paginas, nitidamente impresso, magnificamente encadernado em carneira, pelo modico preço de 10\$000
Pelo correio mais 1000 réis para porte e registro

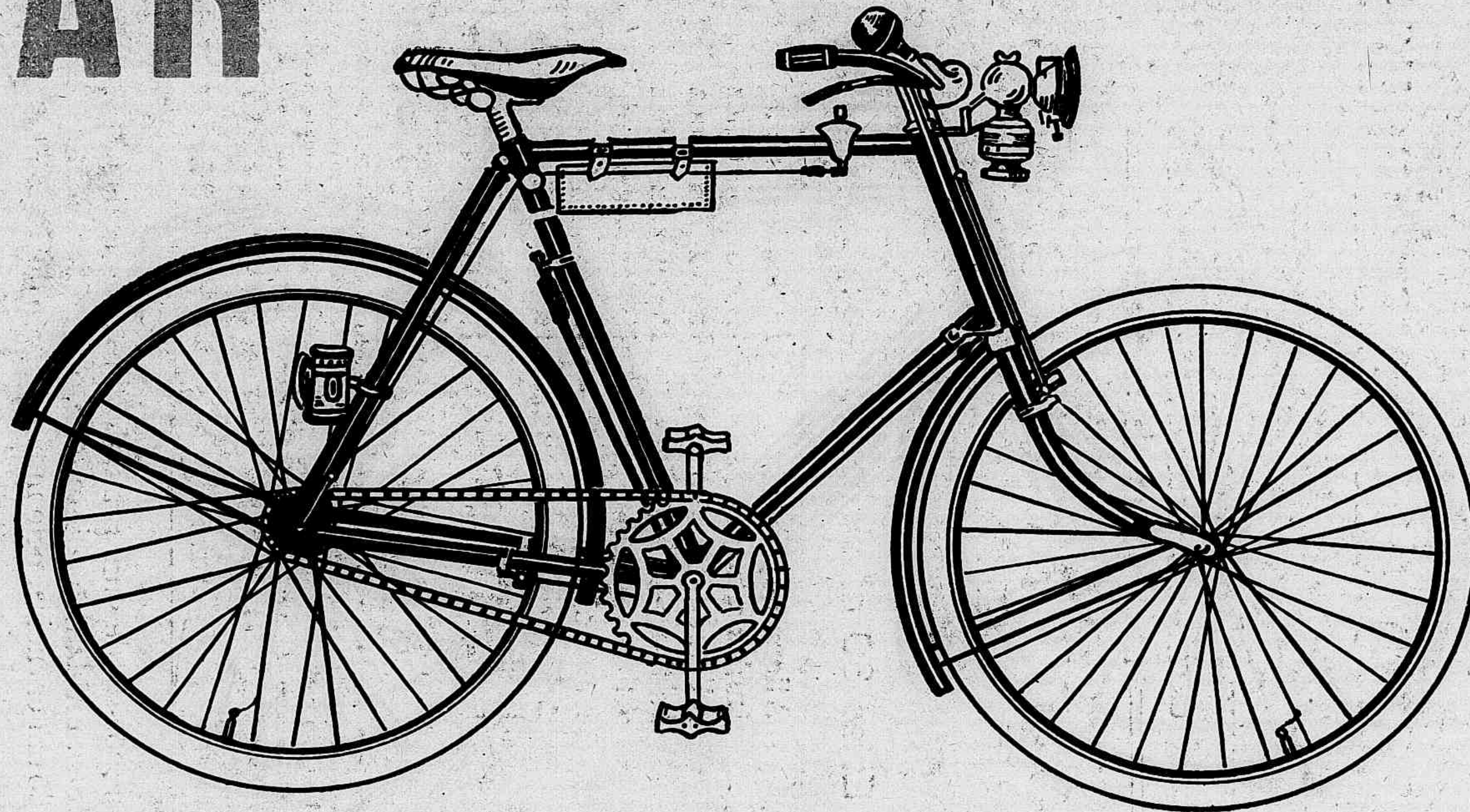
Pedidos á Secção Editora
do

JORNAL DO BRASIL

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 (2º andar)

RIO DE JANEIRO

STAR



A BICYCLETTE MAIS CONHECIDA, MAIS SOLIDA, ELEGANTE E MAIS VELOZ

5\$

SEMANAES

CLUBS

CASA

STANDARD

RIO

93-OUIDOR-95